

revista

bulunga

julho de 2023 - número 19



neste número, resolvemos entrevistar o famoso

NINGUÉM

EDITORIAL

Já passamos da metade do ano e as coisas no Brasil ainda não deslancharam. No mundo lá fora a situação não está menos confusa, com a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, os recentes conflitos populares na França, a China ainda ameaça invadir Taiwan, enquanto aqui o povo fica ansioso para saber quais serão os novos participantes do Big Brother.

O Brasil é realmente fenomenal: por mais que os políticos roubem, a economia continua resistindo, mas não sabemos até quando irá segurar. Mas não era para o nosso povo estar nessa miséria. A riqueza brota do chão e até cai do céu.

O governo atual já pensa em distribuir cotas de alfafa para a população, mas o que o povo mais deseja são celas e arreios, e já está em tramitação um projeto para a regulação das mídias, o que obrigará todos os canais de tv e da internet a transmitirem 24 horas por dia os episódios do Chaves e do Chapolin Colorado, após passarem pelo crivo da censura, pois alguns desses episódios podem ser considerados subversivos, como aqueles em que o personagem principal, interpretado por Roberto Bolaños, reclama de só ter um baú velho para morar, enquanto o seu Madruga nunca paga o aluguel de seu barraco, pois pode parecer um descuido das autoridades responsáveis pelo programa que pretende estatizar a propriedade de todos os bens móveis e imóveis da população.

Mas o brasileiro é um povo pacato, e parece nem ter se dado conta de que o placar dos jogos de futebol estavam sendo manipulados, e assim o seu time do coração estaria ganhando muito dinheiro para se deixar vencer pelo azarão.

A única saída do povo é apelar para a fé, mas muitas igrejas estão dominadas por estelionatários que promovem autoajuda gospel, e já existe gente que está vendendo cotas do céu, com o atrativo de serem transferíveis e com valorização acima da inflação.

Mas o brasileiro não esquenta a cabeça com essas coisas e vai vivendo a sua vida pacata, trocando picanha por abóbora, vendendo o almoço para pagar o jantar.

A NASA já ficou de estudar o nosso povo, mas todos os cientistas enviados para estas terras acabaram sendo arregimentados pelo crime organizado e agora fumam beco orgânico tomando sol na laje.

Resta a esperança de sermos "descobertos" por extraterrestres, para que possamos recomeçar nossa história, sem que tenhamos que aceitar bugigangas em troca das riquezas que ainda nos restam.

BULUNGA TAMBÉM É CULTURA

Qual a razão desse fascínio que muitos artistas e intelectuais guardam pela "esquerda"? Dizem que seria por causa da inquietude e da rebeldia desses grupos criativos, mas isto não se aplica quando essa denominação toma o poder. Seria esperado que se insurgissem contra os novos governantes, a exemplo dos anarquistas que, ao indagarem se "hay gobierno?", a resposta há de ser, invariavelmente, "soy contra".

Separamos apenas alguns bons sinônimos de esquerdo, que seria "sinistro", "desfavorável", "aziago", "funesto", "prejudicial", "incômodo", mas para entendermos um pouco mais sobre essa simpatia despertada por esses grupos aparentemente pensantes, teríamos que nos reportar aos tempos do "movimento hippie", que se rebelou contra uma sociedade capitalista, no caso, os EUA, que queriam impor o seu poderio sobre pequenos países da Ásia, levando os jovens americanos à guerra.

Essa "efervescência" já vinha tomando corpo desde séculos atrás, com o fim do Absolutismo, com a Revolução Francesa e a ascensão da burguesia e, mais ainda, com a Revolução Industrial, que oficialmente marcou o início do Capitalismo. E foi então que surgiu, em contraposição, o Socialismo de Marx e Engels, movimento que foi prontamente abraçado pelas mentes ociosas daquela época.

Nos anos 1960 houve uma forte reação "anti-americanista" à Guerra do Vietnã, ganhando uma importante adesão do movimento negro, pois na época o racismo naquele país era um absurdo, quando passaram a pregar a paz e o amor, com a valorização do trabalho nos campos, em comunidades alternativas, com a ajuda de substâncias alucinógenas, como a maconha e o LSD.

Esse movimento chegou ao Brasil, liderado por artistas como os tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Betânia e Gal Costa, os grupos "Os Mutantes" e "Os Novos Baianos", entre outros, influenciando as gerações seguintes com suas bandeiras libertárias, e muitos desses se rebelaram contra um governo militar conservador que queria preservar a estrutura "capitalista" da sociedade. O mais irônico é que, décadas depois, todos os integrantes desse movimento insurgente aderiram aos hábitos capitalistas, tornando-se ricos e influentes, mas continuaram defendendo os ideais socialistas de uma miséria romântica. Para os outros, é claro!

Mais recentemente, os socialistas resolveram cooptar o movimento gay, antes perseguido e quase exterminado em países que implantaram o regime, mas que agora resolveram utilizar, providencialmente, a bandeira multicolorida da liberalidade.

Fica parecendo, assim, que mais importante do que o alimento, a educação e a habitação seria a liberação do fiofó. E assim vamos vivendo nessa sociedade maluca, sabe-se lá Deus até quando.

NINGUÉM

Neste número, resolvemos entrevistar ninguém mais, ninguém menos do que... NINGUÉM. Tínhamos até convidado vários artistas e celebridades para esta entrevista, mas NINGUÉM aceitou. A busca por este personagem célebre não foi tão fácil quanto poderiam os nossos leitores imaginar, pois tivemos que fazer uma verdadeira via sacra pelos lugares onde soubemos que ele frequentava, mas, depois de vários dias, finalmente, obtivemos sucesso.

BULUNGA – Desculpe-me iniciar de uma forma tão direta, mas gostaria de saber se você é parente do “Zé Ninguém”?

NINGUÉM - Era meu avô. E o meu pai era o Ninguém Jr., e ele teve o bom senso de não me colocar o nome de Ninguém Neto, ou Ninguém III, o que seria ainda pior, pois você deve conhecer aquela brincadeira que fazem nas empresas, quando dizem que "fulano é terceira pessoa mais importante depois de ninguém"...

BULUNGA - E você não fica chateado com isso? Sofreu muito bullying na infância?

NINGUÉM - Claro! Mas isso acabou me fortalecendo. O que não mata, engorda. Hoje peso 110 quilos.

BULUNGA - Não parece...

NINGUÉM - Acho que é a minha consciência que pesa mais (risos)... além do mais, criou uma casca. Tá de boas...

BULUNGA – Mas é legal constatar que você não é invisível, como inicialmente poderíamos imaginar. Na verdade, pensamos que você nem apareceria por aqui.

NINGUÉM - Quando eu firmo um compromisso, mesmo que verbal, não há como honrar. Sei que NINGUÉM faz como eu, mas ajo de acordo com a minha consciência.

BULUNGA – Soubemos que você já passou por situações extremamente delicadas...

NINGUÉM - O azar de muitos representa a minha sorte. Já me safei de diversas situações, como incêndios em edifícios, quedas de avião, naufrágios,

até mesmo com submarinos como esse que se implodiu perto do Titanic, situações em que os jornais sempre fizeram questão de anunciar que “Ninguém sobreviveu”. E as pessoas ficam tristes, quando deveriam estar alegres, pois ao menos eu saí vivo. Mas não é assim que acontece. Eu não sou nada importante, não sou uma celebridade, não faço escândalos nas revistas de fofocas.

BULUNGA – Mas o seu nome está na boca do povo. É uma verdadeira celebridade! Não concordo quando você quer dar a entender que NINGUÉM se importa com você.

NINGUÉM - Sei lá, foi uma espécie de desabafo. Mas pode até ser verdade o que você fala. Fui inspiração para músicas românticas, que nem aquela que fez muito sucesso nos anos 1950, de Antônio Maria e Fernando Lobo, “Ninguém me ama, ninguém me quer”.

BULUNGA – Era a música preferida de minha avó... mesmo eu já fui em muitos bailes em que era tocada...

NINGUÉM - É meio constrangedor quando vou em festas, pois sou sempre o primeiro a chegar, e quando perguntam “alguém já chegou?”, prontamente respondem “Ninguém”.

BULUNGA – Você está em todas...

NINGUÉM – Mas fique certo de uma coisa: NINGUÉM vai sentir a sua falta quando você morrer.

BULUNGA – Vira essa boca pra lá: que morrer coisa nenhuma!

NINGUÉM - Não entendo como algumas pessoas tomam decisões bruscas, quando pulam de uma ponte, dizendo que “Ninguém me ama”. Que culpa eu

tenho disso? Nem conheço essas pessoas. E o fato de ela pensar que eu a amo, faz com que ela queira pular de uma ponte? Ah, vá se lascar...

BULUNGA – Realmente, isso é muito estranho... Mas fale-me um pouco da sua infância: foi um tempo difícil?

NINGUÉM – A minha infância foi um tanto triste, pois nas brincadeiras eu nunca conseguia me sair tão bem quanto os outros meninos. Quando brincávamos de esconde-esconde, por exemplo, sempre me achavam. "Tem alguém aí?", perguntavam, e por mais que eu me esforçasse em me ocultar, os meninos gritavam: "Ninguém"! Eu era sempre o primeiro a ser pego.

BULUNGA - E como foram os romances. Já se apaixonou alguma vez?

NINGUÉM - Já. Várias vezes. Mas eu nunca conseguia me firmar com uma garota, pois sempre que os outros pretendentes chegavam nela, perguntavam: "você está namorando com quem?", e elas respondiam "com Ninguém". Aí eu ficava sempre em desvantagem.

BULUNGA - Triste...muito triste!

NINGUÉM - Pior ainda quando eu era denunciado por algum crime que não cometi. Cheguei a ser preso várias vezes, pois os policiais chegavam logo após o arrombamento do cofre e perguntavam para os seguranças se alguém teria entrado ali, e eles prontamente respondiam: "Ninguém!", e aí eu ia em cana. Até me explicar, já haviam se passado vários dias.

BULUNGA - E você nunca tentou mudar o seu nome?

NINGUÉM - Perdi a conta de quantas vezes tentei. Eu ficava esperando lá fora, quando o juiz perguntava para o oficial: "tem alguém aí fora"? E o oficial respondia: "Ninguém". Aí o juiz encerrava o expediente, juntava as suas coisas e saía pela outra porta, que dava para o estacionamento.

BULUNGA - (tentando não rir) Seria cômico se não fosse trágico...

NINGUÉM - Você se diverte porque não é contigo.

BULUNGA - Desculpe-me, mas não pude me conter. Eu, no seu lugar, já teria saído dando tiros.

NINGUÉM - E você não acha que já não fiz isso? Cheguei a ser detido e me levaram para aquele mesmo juiz, e quando perguntaram para ele se tinha mais alguém para ser julgado, responderam: "Ninguém". Ele foi embora e acabei sendo liberado.

BULUNGA - Pensando bem, você até que teve seus momentos de sorte. Poderia ter sido pior.

NINGUÉM - Eu não chamaria isso de sorte. Mas teve uma única vez que acabei me dando bem: estava me envolvendo com uma mulher casada, e estava na casa dela, porque o marido tinha viajado, só que ele chegou de imprevisto, sem avisar. Parece que já estava desconfiado - você sabe que corno tem uma espécie de radar - e já chegou perguntando: "quem está aí com você"?

BULUNGA - Que situação! E aí, como você se livrou?

NINGUÉM - O problema era que ela era muito religiosa, e não podia mentir. Então ela disse: "Ninguém"! Eu estava dentro do armário e até esfriei a espinhela. Mas ele insistiu: "Fale quem está com você!", e ela: "Ninguém! Ninguém! Ninguém!"

BULUNGA - E aí?

NINGUÉM - Como ele sabia que ela não era de mentir, acabou sossegando os chifres e foi dormir. E eu saí silenciosamente...

BULUNGA - Espero que tenha se consertado depois dessa experiência.

NINGUÉM - Com toda a certeza! Agora sou um cara sério e não me meto em confusão.

BULUNGA - Quero agradecer pela entrevista e foi muito bom conhecer uma figura interessante como você.

NINGUÉM - Não há de quê. Sempre que tiver alguma "buraco" na pauta e NINGUÉM aparecer, é só me chamar que eu venho com todo o prazer.



Nelson Rodrigues

por Kim Jordan

Nelson Rodrigues é um dos maiores, senão o maior dramaturgo moderno do Brasil. Escreveu de tudo um pouco: artigos, contos, romances, crônicas, mas, especialmente, peças de teatro. Foi nessa seara que se notabilizou e ganhou fama. Visto por uns como conservador, por outros, liberal, às vezes um maluco indomável, e, para muitos que não leram seus livros e assistiram às suas peças, não passava de um imoral, depravado e grotesco, quando não vulgar e sensacionalista.

Havia quem o amava e aqueles a lhe destilar ódio. Havia quem o lesse às claras, e havia leitores ocultos. Contudo, quem era realmente Nelson Rodrigues?

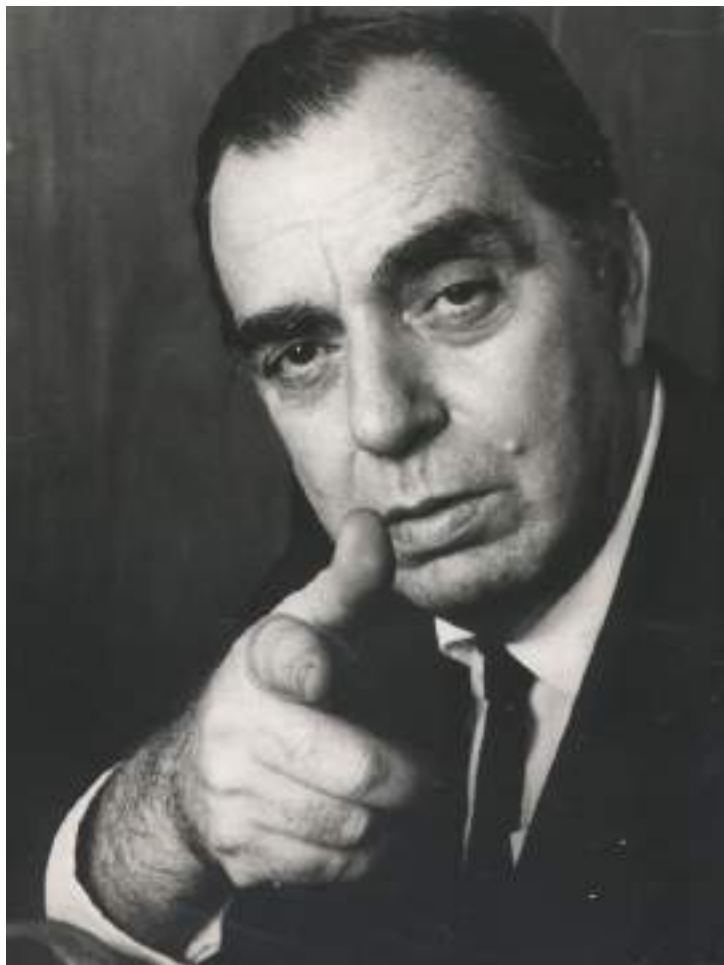
Nascido em 1912, em Recife, mudou-se com a família ainda criança, aos 5 anos, para o Rio de Janeiro. O pai, Mario Rodrigues, fundou em 1925 o jornal “Manhã”, posteriormente chamado a “Crítica”, e Nelson, aos 14 anos, iniciou a carreira de repórter policial. Algumas tragédias depois, o assassinato do irmão Roberto Rodrigues em 1929 (era ilustrador e pintor), pela escritora Sylvia Seraphim, após a reportagem sobre o seu adultério (apoiada por feministas e parte da imprensa contrária ao jornal Crítica, Sylvia foi absolvida do crime); o pai enveredar no alcoolismo e morrer em 1930, o “Crítica” foi censurado e fechado pelo então presidente Getúlio Vargas.



Em 1936, outro irmão de Nelson morreu vítima de tuberculose, doença que o afligia também por vários anos. Talvez, por isso, migrou gradativamente para as colunas esportivas, mormente o futebol, onde descrevia os jogos como batalhas épicas, exacerbando ao máximo jogadas e jogadores, muitos deles retratados como heróis. A experiência jornalística aliada à vida suburbana na parte norte carioca, foram os elementos de formação da sua carreira literária.

Em 1941, ocorre o seu debut teatral com a peça “A mulher sem pecado”. Entretanto, o sucesso viria em 1943 com “Vestido de noiva”, encenada no Teatro Municipal e dirigida pelo polonês Ziembinski, à frente do grupo “Os comediantes”. Tornou-se um marco no teatro brasileiro, pela maneira pouco usual de se fazer dramas. Era a oxigenação, ou melhor, a renovação definitivamente incorporada aos palcos nacionais.

Teve peças censuradas: “Álbum de família”, em 1946, por



causa do tema polêmico do incesto, e “Casamento” em 1966.

Escreveu folhetins sob o pseudônimo “Susana Flag”, em publicações para os Diários Associados, nos anos 1940, alavancando as vendas dos jornais da organização pelo Brasil.

Casou-se com Elza Bretanha, colega de redação, em 1940, com quem teve 2 filhos. Era mulhereengo e homem de muitas amantes e filhos de relações extraconjugais, bem ao estilo dos seus personagens: adúlteros, amorais e hedonistas. Por fim, ironicamente, retornou ao casamento com Elza após a promulgação da lei que legitimou o divórcio, e assim viveu os últimos dias, numa espécie de “autorredenção”.

Foi ainda crítico cultural, comentarista de futebol no rádio e TV, e editor em vários momentos de sua carreira.

O gênio dado à autopromoção, polêmicas e temática que o próprio Nelson qualificava de “desagradável”, chocou plateias e, se levou à admiração, também promoveu aversão e furor: jamais atitudes apáticas ou desinteressadas.

Morreu em 1980, aos 68 anos, e definiu-se assim:

“Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico (desde menino).”

Um menino travesso, diga-se de passagem.

FRASES POLÊMICAS, MAS NEM TANTO...

“Toda unanimidade é burra.”

“Invejo a burrice, porque é eterna.”

“Entre o psicanalista e o doente, o mais perigoso é o psicanalista.”

“Só o inimigo não trai nunca.”

“A liberdade é mais importante do que o pão.”

“A pior forma de solidão é a companhia de um paulista.”

“A plateia só é respeitosa quando não está a entender nada.”

“A televisão matou a janela.”

“Amar é dar razão a quem não tem.”

“Antigamente, o silêncio era dos imbecis; hoje, são os melhores que emudecem. O grito, a ênfase, o gesto, o punho cerrado, estão com os idiotas de ambos os sexos.”

“Qualquer indivíduo é mais importante do que toda a Via Láctea.”

“Desconfio muito dos veementes. Via de regra, o sujeito que esbraveja está a um milímetro do erro e da obtusidade.”

“Deus está nas coincidências”

“Dinheiro compra tudo, até amor verdadeiro.”

“Nada mais cretino e mais cretinizante do que a paixão política. É a única paixão sem grandeza, a única que é capaz de imbecilizar o homem.”

“Eu me nego a acreditar que um político, mesmo o mais doce político, tenha senso moral.”

“Existem situações em que até os idiotas perdem a modéstia.”

“Jovens: envelheçam rapidamente!.”

“Nem toda mulher gosta de apanhar. Só as normais.”

“Nunca a mulher foi menos amada do que em nossos dias.”



“O artista tem que ser gênio para alguns e imbecil para outros. Se puder ser imbecil para todos, melhor ainda.”

“O biquíni é uma nudez pior do que a nudez.”

“O brasileiro é um feriado.”

“O grande acontecimento do século foi a ascensão espantosa e fulminante do idiota.”

“O morto esquecido é o único que repousa em paz.”

“Os homens mentiriam menos se as mulheres fizessem menos perguntas.”

“Se os fatos são contra mim, pior para os fatos.”

“Sou reacionário. Minha reação é contra tudo que não presta.”





Olha o humano
achando que
vai viajar
e me deixar
sozinho!
Faz isso não!
Vai ler um
livro, que
eu fico no seu
colo!

seboearte.com

PERDI O LIVRO!
E AGORA?



Vai lá!
seboearte.com





EU NÃO SOU REJANE!

(crônica de Michel Salomão)

Há três anos recebo diariamente mensagens de uma operadora de telefonia, para quitar um débito de R\$50,00 referente a uma conta em aberto. Asseguro que este valor não irá fazer diferença para mim, que sou uma empresária bem sucedida no ramo de confecção, com lojas espalhadas por todo o país, mãs o problema é que não sou Rejane. Meu nome é Elizabeth, também conhecida como Beth, para os mais íntimos, e jamais utilizei o codinome Rejane, nem mesmo nos tempos do movimento estudantil, quando armados de paus e pedras enfrentávamos a polícia nas ruas, naqueles tempos do AI-5. E mais tarde, quando não mais uma adolescente, em que saí às ruas para apoiar o movimento “Fora Collor”, e depois “Fora Dilma”. Mas hoje não tenho paciência para botar mais ninguém para fora, nem mesmo o vira-latas sem nome que adotei há um mês, que insiste em destruir os meus jardins em busca de um osso imaginário. Por sorte, o jardineiro sempre ajeita tudo antes que eu chegue para o jantar.

Como disse, o meu nome não é Rejane, já tentei explicar isso trocentas vezes para os atendentes, estimando que até o momento possam ter ultrapassado a barreira dos três milhares de contatos, entre ligações, messengers e whatsapp, e ainda assim de nada adianta. Devem pensar que sou a verdadeira Rejane e que estou me ocultando.

Confesso que já tive vontade de quitar a dívida, principalmente quando enviaram-me uma proposta de acordo, quando eu pagaria apenas R\$9,90, mas na última hora relutei, porque o meu advogado advertiu que poderiam, com isso, entender que estaria reco-

nhecendo a dívida, e assim iriam querer cobrar outras despesas acessórias, como custas e honorários.

Já pensei em mudar o número do meu telefone, mas utilizo este há anos e todos já o conhecem, tendo sido o único que consegui guardar até hoje, por causa do final 1234, e assim vou deixando passar, na esperança de que daqui a dois anos eles finalmente parem de me importunar, pois se dará juridicamenete a prescrição da dívida, foi o que o meu advogado me garantiu.

Certo dia, porém, em um lapso de inspiração e bom humor, o que tem sido raro nesses momentos políticos que estamos passando, resolvi atender a ligação, e disse que eu era a Rejane. A atendente quase se engasgou:

- Rejane? É você?

- Sim. O que vocês desejam? Querem que eu pague uma dívida que não é minha?

- Não, Rejane, sou eu, a Cidinha. Não se lembra de mim?

- Cidinha? Não mesmo.

- Nós tivemos um breve romance... eu continuo trabalhando na operadora e essa foi a única forma que encontrei para falar com você novamente.

- Olhe aqui, garota, o meu nome não é Rejane e eu só falei isso para ver se vocês paravam de me encher o saco, não sou chegada em mulher, e agora que sei quem é que me liga há exatos três anos, vou entrar com uma ação contra você e contra essa sua operadora. Passar bem!

E bati o telefone, aliviada. Mas meia hora depois recebi mais uma mensagem:

- Rejane, por favor, não faça isso comigo. Eu te amo!



EU NÃO SOU LUÍS!

(crônica de Michel Salomão)

O caso do Luís, se comparado ao da Rejane, ou melhor, da Elizabeth, que mencionamos há pouco, foi ainda mais emblemático: há dez anos, talvez um pouco mais, vinha recebendo ligações de uma operadora telefônica, que cobrava o pagamento de uma conta vencida sabe-se lá quando. O titular da conta é o Rodolfo, nome pouco comum nos dias de hoje, mas é do tempo em que a moda era colocar nas crianças nome de artistas de Hollywood ou cantores da época, e no caso dele a mãe era fã de Rodolfo Valentino, astro do cinema mudo que fazia as mulheres suspirarem de emoção ao verem aquele galã de cabelos com brilhantina e batom vermelho na boca, para se destacar um pouco a imagem, pois os filmes eram em preto-e-branco.

Rodolfo era muito criterioso com suas contas e pagava todas religiosamente em dia. Ele até tentou ligar no 0800 da empresa, foi à sua sede, bloqueou os primeiros 100 números que apareciam no display, mas nada adiantava, pois sempre arranjavam um novo número para ligar, a qualquer hora do dia ou da noite.

Pensou até em entrar com uma ação na justiça, mas concluiu que só arranjaría mais um aborrecimento, pois teria que pagar para advogados 1000 vezes o valor da conta, e assim resolveu deixar a pendência de lado. E teve tempos em que até paravam de ligar, ficando meses sem o incomodar, e chegou a imaginar que o haviam esquecido, ou melhor, que haviam esquecido o tal Luís, mas depois retornavam com maior intensidade.

A gravação sempre começava com “estou falando com o Luís?”, e ele dizia que não, complementando com alguns palavrões impúblicáveis, mas certo dia resolveu dizer sim, e logo em seguida um atendente humano tomou a ligação.

- Luís?
- Não.
- Quem está falando?
- Alguém que não é o Luís.
- Então por quê falou que era ele?
- Para zoar com vocês. Há dez anos vocês me perturbam e já disse trilhões de vezes que não tem Luís neste número, mas vocês se recusam a entender.
- Luís, olhe bem, seria bem melhor se entrássemos em um acordo...
- Já lhe disse que não me chamo Luís.
- Qual é o seu nome?
- Isto não lhe interessa.
- O senhor está sendo mal educado.
- E o senhor está sendo inconveniente. Já lhe disse três vezes que o meu nome não é Luís, que deve ter sido o antigo titular da conta, e que vocês deveriam obrigatoriamente ter o controle disso, quando assinei o contrato há dez anos.
- E o senhor sabe quem é esse Luís?
- Definitivamente, NÃO!
- Agradecemos a atenção e desculpe-nos pelo transtorno.

Depois disso, ficaram mais ou menos uns seis meses sem ligar. Coincidentemente, surgiu a promoção de um plano em outra operadora, quando ofereceram vantagens e descontos, e ele acabou decidindo não fazer a “portabilidade”, obtendo um número novo. E não é que ao final da tarde, recebeu uma ligação da ex-operadora?

- Eu gostaria de falar com o Luís.
- Aqui não tem Luís.
- O senhor é o titular da conta?
- Sim.
- É que estamos com uma promoção para que o senhor continue sendo nosso cliente.
- Não tenho interesse. Até mudei o número para que não me localizassem.
- Mas, senhor Luís, as vantagens são muito boas...
- Não sou Luís.
- Tudo bem, Sr. Luis, ou melhor, Sr. ... qual é o seu nome mesmo?
- Não desejo falar o meu nome. Mas não é Luis.
- Tudo bem: o senhor tem interesse em escutar a proposta?
- Não.
- Então agradeço a sua atenção, Sr. Luís.
- EU NÃO SOU LUÍS!!!



BULUNGA REPÓRTER



TABUS

Até bem pouco tempo atrás, homem com homem virava lobisomem, e mulher com mulher virava jacaré. Hoje em dia não tem mais nada disso, o mundo evoluiu e está tudo liberado, mas ainda causa certa estranheza essa quantidade de gente que resolveu se declarar “bissexual”, “trisssexual”, “pansexual”, “transexual”, “gênero fluido”, “intersexo”, “não binário”, “queer”, entre outras modalidades integrantes da sigla LGBTQIA+XYZ@\$%*\$#&, que repudiam a utilização dos artigos “a” e “o”, ao mesmo tempo em que criam denominações extravagantes como “todes”, “amigue”, “bonite”, “elu” ou “delu”.

Foi para desvendar esses fenômenos sociais que o Bulunga Repórter de hoje resolveu penetrar (no bom sentido) no mundo obscuro dos TABUS sexuais, sendo a homogeneidade sexual o primeiro - e o mais polêmico - a ser tratado, e começaremos com as seguintes perguntas: “Qual a origem da homossexualidade? Seria resultante de uma mutação genética ou um desvio social? Ou seria uma doença?”

Problemas de munheca descaída já eram observados desde os primórdios da raça humana, tendo sido encontradas desenhos de figuras masculinas fazendo a famosa “pose do bule” em cavernas do Afeganistão. Contudo, ainda não se tem registro de quando as primeiras mulheres começaram a usar pochetes e camisas xadrezas.

Estudiosos no assunto, da renomada Universidade de Penthouse/EUA, arriscam dizer que o início dessa transformação se deu em tempos remotos, em razão de problemas relacionados com a procriação precoce, presente em grupos nômades que precisavam se deslocar com frequência para territórios mais férteis, mas se viam impedidos em razão do grande número de bebês de colo que tinham que transportar, e do tempo que gastavam para trocar as fraldas confeccionadas com peles de carneiros, e pior ainda, para lavá-las. Assim, resolveram proibir as relações sexuais entre os casais adolescentes, que passaram a se aliviar com elementos do mesmo sexo, bem como com animais e os mais variados tipos de objetos.

Essa tradição foi sendo transmitida ao longo das gerações, mesmo entre as populações que não mais enfrentavam problemas relacionados à natalidade, após se tornarem sedentárias, e esse mesmo fenôme-

no denominado “transmissão psico-hereditária” teria sido observado, tempos depois, em experiências laboratoriais realizadas com ratos, que eram submetidos a choques elétricos, ao acionarem determinada alavanca que deveria liberar alimentos, e assim as novas gerações, que haviam sido imediatamente isoladas do grupo, passavam a evitar aquele mecanismo de forma inexplicável.

O sexo, no geral, vira com a cabeça das pessoas, é o que conclui recente relatório da Organização Mundial da Saúde, na tentativa de explicar o crescente número de casos de pessoas comuns acometidas com o “Mal de Curupira”, enfermidade que recebeu o nome de personagem do folclore nacional tão famoso como a mula-sem-cabeça, que teria perdido o seu porta-capacetes por causa de um amor não correspondido.

O sexo, independente da opção homo ou heteroativa, ainda representa o maior TABU da humanidade, talvez ainda mais do que a eutanásia, o aborto ou a escolha do vencedor do Big Brother, por mais liberais que tenham se tornado os costumes de determinados países, como o Brasil, e se subdivide entre diversos tabus acessórios, além da homossexualidade, como a infidelidade, o incesto, a masturbação, a coprofagia, entre outros.

Tivemos recentemente o episódio de um famoso casal de artistas, envolvido em experiências de swing, cujos participantes fizeram uma “permuta quase definitiva” com outro casal, ficando o homem com o parceiro da outra, e a mulher, com a que foi rejeitada. Existem relatos que afirmam que, posteriormente, uma delas teria trocado a outra por um rotweiler apaixonado.

Outro caso que deu o que falar foi da filha de um famoso apresentador de um programa de confinamento, que se assumiu “queer”. Para quem não sabe (nem eu sabia), “queer” é o nome que se dá a espécies humanas que não se identificam com os trocentos gêneros classificáveis, mas sentem atração sexual ou romântica por qualquer objeto que se mova.

Ela aparece na foto ao lado do namorado, o cara com uma baita cara de bobo sorridente, o que nos faz supor que ele será um grande candidato a corno, e o potencial desse rapaz é enorme, visto que a namora-

da poderá trocá-lo por um tênis usado sem cadarço, por uma bola de futebol americano furada, por um tamagoshi, ou qualquer outra criatura animada ou não, o que nos faz lembrar daqueles programas de TV em que a criança era vendada e colocada em uma cabine à prova de som, enquanto o apresentador ia oferecendo presentes variados, perguntando a ela se queria substituir um pelo outro, até que ela aceitava trocar um carro zero quilômetro por um par de luvas usadas.

O relacionamento monogâmico, outro grande tabu, passou a ser conveniente a partir do momento em que o homem deixou de ser nômade e a se aglomerar em cidades. Questões de posse e propriedade das terras, e dos imóveis nelas construídos, fez com que se formalizassem as famílias, no padrão papai-mamãe-e-filhinhos, e com elas as questões de transmissão por herança, e para isso era preciso se assegurar que os filhos pertencessem à linhagem do pai, e foi nesse tempo que surgiu a frase “pai é quem cria”.

O compositor Cazuza já dizia que “mentiras sinceras me interessam”, e assim a sociedade moderna vinha mantendo uma hipocrisia em nível saudável, até que resolveram colocar tudo às claras, e foi quando se constatou que havia muitas frangas aprisionadas dentro dos armários.

Em um passado remoto, os homens procuravam as “casas da luz vermelha” para realizarem suas fantasias sexuais, enquanto as esposas se viravam da forma como podiam com carteiros, padeiros, entregadores de pizza ou com os vizinhos mais solícitos.

Mesmo no tempo dos escravos a coisa já era assim, até que as famílias foram percebendo que os meninos estavam nascendo mais “moreninhos”.

As pessoas estão cada vez mais enlouquecendo em função da sexualidade, e querem fazer sexo de todas as maneiras possíveis, já antevendo que o mundo está mesmo em seus momentos finais, e que o negócio é soltar tudo enquanto há tempo. Contudo, para os feios, a monogamia sempre há de ser conveniente.

O que me assombra é que tem muita gente feia que vai “cruzar” e vão sair crianças ainda mais feias. Darwin teria uma síncope se visse um negócio desse.

Mas essa confusão toda a respeito da sexualidade, pode deixar as pessoas malucas, como aconteceu com o mineirinho que resolveu participar de uma terapia em grupo, e ouviu o depoimento de uma garota que só pensava em mulheres, que sonhava com mulheres, que adorava mulheres e sentia uma atração irresistível por mulheres, e foi quando descobriu que era lésbica. Na sua hora de falar, o capiau disse que antes de participar daquele grupo pensava que era só um homem da roça, mas que depois acabou descobrindo que também era lésbico.

Outro tema que dá muita dor de cabeça, mais especificamente na região da testa, é a infidelidade. Atire a primeira pedra quem não corneou ou foi

corneado, ao menos uma vez na vida. Se você disser que nunca foi, vou ter que citar aquela frase do vocalista do grupo “É o Tchan”: “sabe de nada, inocente”!

Bukowski afirmava que “como pode dizer que ama uma pessoa quando há dez mil outras no mundo que você amaria se conhecesse? Mas a gente nunca conhece”.

Poderíamos enumerar uma série de outros tabus relacionados a sexo, mas ficaríamos até o final da noite, e este repórter terá que ir ali “tirar uma rapidinha”, para não perder o costume.

Mas é importante dizer que os tabus são tabus exatamente porque são tabus. Não se pode explicar sua razão de ser. Se não fossem tabus, não teríamos o que falar, e nem mesmo escrever um artigo sobre este polêmico assunto. Nestes termos, encerra-se mais uma matéria do “Bulunga Repórter” sem que tenhamos chegado a qualquer conclusão sobre porcaria nenhuma.



Eu cresci lendo as mais diversas crônicas de escritores famosos como Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Luís Fernando Veríssimo, Sérgio Porto, entre outros, com suas observações geralmente bem humoradas do cotidiano de um país que vivia um momento crítico da falta de liberdade de expressão, e à exceção do último, poucos enveredavam em questões políticas, preferindo abordar temas mais leves tirados da morna rotina das pessoas comuns.

A vantagem da crônica é que, por trabalhar com textos curtos, é capaz de chamar a atenção de gente preguiçosa que não se aventuraria a ler um romance, e por isso era normalmente publicada em jornais e revistas, espremida entre fotos e notícias mórbidas, sendo capaz de chamar a atenção de um ou outro leitor desavisado, muitas vezes pela “charge” que a precedia, que acabava fígado por este gênero textual cada vez mais em desuso, diante da concorrência desleal, nos dias atuais, dos vídeos da internet, postados aos milhares por segundo, que provocam um entretenimento alienante e irreversível para uma população cada vez mais inculta.

Mas vejo-me na obrigação de, neste momento, prestar uma homenagem a um dos mais notáveis, àquele que dedicou 64 anos de sua vida à literatura, publicada pelo Jornal do Brasil, em 1984, poucos dias antes de sua morte.

CIAO

(Carlos Drummond de Andrade)

Há 64 anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia a cada manhã a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo o pessoal da redação. O homem olhou-o, cético, e perguntou:

- Sobre o que pretende escrever?

- Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.

O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasceu aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas crônicas.

Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois chegou o momento deste contumaz rabiscador de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao-adeus sem melancolia, mas oportuno."

"Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro. Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores.



Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado, pois a zanga tem seu lugar mesmo nos temperamentos mais aguados. Procurou extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista, que às vezes se torna cronista do seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam.

Crônica tem essa vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da

fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

Com esse espírito, a tarefa do croniqueiro estreado no tempo de Epitácio Pessoa (algum de vocês já teria nascido nos anos a.C. de 1920? duvido) não foi penosa e valeu-lhe algumas doçuras. Uma delas ter aliviado a amargura de mãe que perdera a filha jovem. Em compensação alguns anônimos e inominados o desancaram, como a lhe dizerem: “É para você não ficar metido a besta, julgando que seus comentários passarão à História”. Ele sabe que não passarão. E daí? Melhor aceitar as louvações e esquecer as descalçadeiras.

Foi o que esse outrora-rapaz fez ou tentou fazer em mais de seis décadas. Em certo período, consagrou mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém jamais deixou de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público. Uma página bem diagramada causava-lhe prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem feitas, o estilo particular de cada diário ou revista eram para ele (e são) motivos de alegria profissional. A duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido — o extinto Correio da Manhã, de valente memória, e o Jornal do Brasil, por seu conceito humanístico da função da Imprensa no mundo. Quinze anos de atividade no primeiro e mais 15, atuais, no segundo, alimentarão as melhores lembranças do velho jornalista.

E é por admitir esta noção de velho, consciente e alegremente, que ele hoje se despede da crônica, sem se despedir do gosto de manejar a palavra escrita, sob outras modalidades, pois escrever é sua doença vital, já agora sem periodicidade e com suave preguiça. Ceda espaço aos mais novos e vá cultivar o seu jardim, pelo menos imaginário.

Aos leitores, gratidão, essa palavra-tudo.

Carlos Drummond de Andrade
(Jornal do Brasil, 29/09/1984)"

ALGUMAS FRASES INTERESSANTES

de Carlos Drummond de Andrade

Há homens e mulheres que fazem do casamento uma oportunidade de adultério.

O homem vangloria-se de ter imitado o voo das aves com uma complicação técnica que elas dispensam.

Há livros escritos para evitar espaços vazios na estante.

Não é fácil ter paciência diante dos que a têm em excesso.

A confiança é ato de fé, e esta dispensa raciocínio.

No adultério há pelo menos três pessoas que se enganam.

Há muitas razões para duvidar e uma só para crer.

Há certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer

Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar

A minha vontade é forte, porém minha disposição de obedecer-lhe é fraca.

Perder tempo em aprender coisas que não interessam priva-nos de descobrir coisas interessantes.

Tudo é possível, só eu impossível.

A liberdade é defendida com discursos e atacada com metralhadoras.

Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade.

O RADICALISMO RADICALMENTE RADICAL

Guido Malaparte

Antes, o radicalismo se mostrava através de atitudes não usuais dos indivíduos, fora da norma social, política, cultural, ou o raio que o parta. Comportamentos e exemplos adquiridos por milênios e comprovadamente exitosos, não por um tipo de pragmatismo estúpido e fatal, mas pelos melhores padrões da lógica, da razão, da moral e amparo, hoje são vistos como exceções, pontos fora da curva a serem devida e legalmente extirpados da sociedade. Senão, vejamos:

Se o cara quer parecer descolado e moderninho, ele tem de ter um ou dois desses elementos, se possível, todos, não importando idade, posição, constrangimento ou vexame:

1) Possuir uma tatuagem. Se puder, muitas. O ideal é ocupar cada espaço do couro com rabiscos, desenhos e símbolos. Se bois e vacas, escravos e bandidos tinham uma, por que não elevar à potência máxima os arabescos a identificá-lo como espécime liberto de convenções? Mesmo que o comportamento signifique exatamente o oposto?

2) Ser monogâmico é sinal de piada, de fazer estourar os bofes de tanto rir. Casar-se virgem então é a prova cabal de que a pessoa é escrava e encontra-se subjugada pelos valores cristãos, patriarcais e machistas da sociedade. Ninguém que se presa deve manter-se virgem, e quanto mais cedo iniciar o ritual de acasalamento, seja com o sexo oposto, um animal ou tubérculo (há os que defendem a galhardia de se relacionar com pedregulhos e rochas), mais cedo se libertará e arrancará as algemas a mantê-la presa. Nem que seja a fórceps. Mas, o que importa?!

3) Desde os filósofos pré-socráticos defende-se, e não podia ser diferente, o princípio de o homem analisar e entender a realidade. Cabia à arte (teatro, literatura, pintura, escultura, etc) adentrar os caminhos do sonho e magia, entretanto, sempre baseado em fatos, na vida, na realidade. A psicologia moderna associada às ideologias e suas ramificações têm levado o indivíduo à abstração quase absoluta e mal concebida, em outras palavras, o que a realidade prova ser real (desculpe-me a redundância, mas é preciso) requer ser destruído em prol de uma ficção elaborada equivocadamente em que a pessoa abandona cada vez mais a sanidade e lucidez em favor dos delírios da psicose. Não é sem razão o fato de milhões, bilhões de pessoas, viverem à duras penas através de psicoativos, sejam drogas legais ou ilegais. E o sono é dormir acordado.

4) Antigamente, se costuravam as roupas e outros tecidos para que parecessem novos; a falta de grana obrigava as pessoas a reparos ao invés do descarte. Mas, “genial” foi quando alguém resolveu lançar uma roupa de mendigo, esfarrapada, remendada, desfiada, por um valor dez vezes maior do que um produto intacto, e boa parte das pessoas aderiu ao modismo, apenas por rebeldia. Nas feiras, praças de alimentação e estádios de futebol é quase impossível não ver um maltrapilho a gritar palavrões e xingar a mãe do juiz, ou contar, a plenos pulmões, suas fantasias juvenis. A revolução tem seu preço e normalmente os tolos as financiam.

5) A arquitetura vai de mal a pior. É quase impossível, salvo nos redutos exclusivamente históricos das cidades (que tenham, no mínimo, 300 anos), não nos deparar com algo dantesco, assimétrico e medonho. Edifícios como caixas de sapatos superpostas, caixinhas de fósforo agrupadas, quadros imperfeitos e retângulos desfeitos, sem contar as cores que mais parecem saídas das mãos de um orangotango epilético e cego. Mas para quem se deslumbra com as obras de Gropius, Niemayer e Bo Bardi, nada mais justa a admiração pelo Kitsch, onde alhos e bugalhos se misturam em nome da pretensa originalidade e genialidade em ser brega e cafona. No caso de roupas e acessórios, eles se perdem inevitavelmente. Mas o que dizer de Brasília, do Bauhaus e do Sesc Pompeia?

6) Ah! E Pollack, Dali, Oiticica, Volpi, Mondrian e Duchamp, entre outros menos votados?... A colcha de retalhos da minha avó era muito mais digna e honesta, ao contrário da overdose de horrores desses iluminados, seduzidos pela vulgaridade.

7) Não podia me esquecer dos piercings e alargadores, a tornarem-se cada vez mais exigência, quase uma obrigação, especialmente entre garçons, cozinheiros e balconistas. É quase improvável não se deparar com um (quando for um, existe a sorte de não ser atendido por ele), ou muitos, ou todos, exibindo-se desgraçadamente para o consumidor que, se esperto, dará o fora do lugar o mais rápido possível. Se antes, e não há muito tempo, animais domésticos e escravos utilizavam esses apetrechos a fim de serem presos ou conduzidos por seus senhores, será que esses... ah, deixa pra lá!, consideram o porquê de carregarem nos corpos essas estufilhas?... Claro que não!

Poderia ficar horas e horas enumerando as bizarries e tontices do homem moderno (e das mulheres modernas também. Ou acham que elas não têm o mesmo direito?), que outrora se considerava rebelde, livre e sem amarras sociais, quando na verdade apenas está embrulhado na própria arrogância, pretensão e desatino. De minha parte, e faz-se necessário observar, o radical é aquele que foge desses padrões descritos, em especial o cara que não tem medo de se dizer homem, sem a necessidade de eufemismos e de bajular os frouxos.

A MORTE DA SINTINHO

Jorge F. Isah

A sala estava lotada, cheia de bandeirolas, cartazes e banners comemorativos, todos multicoloridos, brilhantes e a exalar uma áurea animada e carnavalesca. Músicas eletrônicas ou technos ecoavam pelas caixas de som espalhadas no recinto e corredores. Era um bate-estaca gigante a encrustar os tímpanos e perfurar os cérebros. O vozerio, entre risadas estridentes, gargalhadas tonitruantes e desafinadas, e alaridos rebotos e postigos, aumentava o clima de exótica folia. Ninguém parecia se importar com mais nada: a chuva torrencial a inundar ruas, avenidas e galerias; as inúmeras prisões das últimas horas, os arrestos de patrimônio, o toque de recolher e o estado de sítio. A tudo estavam alheios, entre afagos, abraços efusivos, felicitações e um otimismo desconcertante, quase catártico, burlesco; podia-se experimentar os fulgores típicos da vitória, de uma guerra auferida sob as barbas e o subjugar dos hostis e adversários.

Um e outro, aqui e acolá, se exaltava acima dos demais, a emitir loas e rugidos como os conquistadores bárbaros ou não em suas campanhas triunfais. Faltava-lhes apenas a espada bramar o ar, em gestos bruscos e ameaçadores, a espalhar manchas carmesins desprendidas das lâminas.

Havia ainda os meramente festeiros, que estavam ali para se esbaldar em danças, frenesis, álcool e outras substâncias a expandir as mentes em uma transcendentalidade carnal e simplória. De fora, ouvia-se a água, insistente, obstinada, ubíqua, lavar e carregar todos os vestígios da desordem, para na sua própria ordem criar o caos.

Podia-se ver algumas fantasias místicas, a maioria, seja homem, mulher ou criança, vestida de seda, rendas e véus, semelhante a fadas, gênios ou personagens parodiados das histórias infantis ou das mil e uma noites.

Foi quando chegou, em sua vestimenta verde-água, com detalhes grenás e azuis, um azul claro a contrastar o vermelho amarronzado, em fazenda diáfana e textura delicada, o orador, o líder e a figura mais proeminente entre todas do recinto, aquele a desbravar os caminhos árduos, a desbravar as estâncias fatigantes e arriscadas, a fim de, por meio de estratégias e progressivo avanço, chegar àquele momento pernóstico e emotivo.

- Por favor, um minuto da sua atenção, por favor!... Silêncio!!

Ao verem-no subir o tablado, ouviu-se “vivas”, entre uivos e gritos, e a repetição ensandecida da frase “Eu já falei e vou repetir: é a fada-madrinha quem manda aqui!”. Alguém, não envolvido ou habituado, não entenderia a razão do alvoroço, mas qualquer um minimamente esclarecido saberia tratar-se de um grito de guerra, um bordão, muito a propósito da figura a simbolizar e aglutinar aquele ajuntamento.

- Um minuto... silêncio, por favor!... Ordem... ordem...

Quanto mais súplicas, mais eram suplantadas pela atenção ao líder, ao entusiasmo dedicado e feudatário dos espectadores. Desligou-se a música, aumentou-se o volume do microfone e o ruído categórico finalmente abafou a excitação dócil, não antes de uma ciclópica microfonia cerrar pálpebras, encolher ombros e pôr dedos nos pavilhões auriculares. Até mesmo o orador se viu, a despeito da régia vestimenta, contorcer-se em caramunhas e trejeitos, ao som pontiagudo e intensamente atroz. Irrompeu-se o silêncio e o estático dos músculos, sentidos e perspectivas.

- Não é fácil controlar a alegria deste momento, eu sei... mas peço a cada um de nós interromper a comemoração e fazer um minuto de silêncio pelos abnegados, bravos e destemidos combatentes, mortos e aliados da história recente pela intolerância, covardia e preconceito dos inimigos da verdade...

O mutismo foi geral, alguns declinaram as fronteiras, outros ergueram os braços, e aqueles a colocar a mão direita sobre o coração, um deles chegou a ficar em posição de continência enquanto alguns insatisfeitos com o som da própria respiração seguraram o fôlego o quanto podiam, até não poder mais. Um velho balofo e rosado, calvo e baixo, chegou a desmaiar depois de 20 segundos. Outros, arfaram agitados, em busca de oxigênio, antes de vencerem a metade do tempo. De maneira que os 60 segundos se tornaram em menos 40.

- Muito bem, prosseguiu, hoje é um dia memorável, em que a nossa luta enfim alcançou a merecida e retumbante vitória... fruto do labor intenso e abnegado de centenas, milhares de irmãos e irmãs espalhados pelo país, destruindo as forças retrógradas e antiquadas, nocivas, assassinas e tirânicas, que por séculos têm impedido a verdade prevalecer... têm impedido o avanço das causas sociais, da humanidade... em detrimento ao ímpeto genocida e

opressor dos nossos inimigos, mas isso já é passado... eles perderam e nós ganhamos, e é hora sim de comemorar, mas não devemos esquecer de que a nossa luta não acaba, nem para por aqui, mas continua até que não sobre um único deles, e possamos enterrar definitivamente os lacaios conservadores em suas próprias valas, de onde não deveriam ter saído...

Afastou o véu às costas, que pendia do chapéu cônico e descia-lhe pelo rosto, enquanto ajustava a varinha de condão, batendo-a no microfone: plim, plim, plim, e palmas e brados entusiasmados percorriam os ares contemplativos.

- Já era hora, ainda que tardia, de prevalecermos em face da intransigência e perseguição sofrida, em meio as lutas intermináveis, aparatos constituídos com a finalidade de destituir a nossa razão, fazer conosco o que fizeram antes com todas as minorias, até o ponto em que a união das nossas fraquezas se demonstrou mais forte do que a força dos colonizadores, intolerantes e espúrios vassalos do capital, da tradição, da moral, da família e de toda a ordem patriarcal e religiosa desde a morte daquele carpinteiro em Israel...

Tossiu, pigarreou, e alisou a seda verde marinha transparente no corpo, a ajustá-la, na tentativa de esconder os pneus do ventre e os culotes nas laterais dos quadris.

- Hoje, finalmente, a vitória chegou, para mim, para você, para todos nós!

Novos urros e palmas entusiastas precisaram ser coibidos, após 2/4 de minuto, pelo mover da varinha em direção à plateia.

- Hoje, começa um novo tempo, um mundo novo, em crescente liberdade para nós e nossos correligionários, respaldados na última decisão da justiça, ao promulgar, por unanimidade, a veracidade da nossa causa, estabelecendo enfim algo inexorável e de sobejado conhecimento dos antigos, os mesmos que foram parar nas fogueiras da inquisição, nos exílios, nas masmorras, a fim de serem silenciados, esquecidos e afastados do convívio social... A verdade se interpõe mesmo em uma sociedade preconceituosa e racista, mesmo em uma sociedade injusta e mentirosa, e que agora provará do amargo veneno que desejou para nós: a exclusão e a marginalidade... parodiando aquele velho gagá: eles terão de nos engolir!

Soltou um riso histriônico, seguido por gargalhadas e nova salva de palmas da assistência.

Prosseguiu.

- Hoje, estabeleceu-se a verdade, a supremacia dos fatos contra as fake news e a desonestidade intelectual que nos expôs por anos e anos à marginalidade, ao sofrimento e a escravidão de ser obrigados a aceitar o padrão que não era o nosso padrão, de não ser o que somos e não poder viver a vida que queremos... Para terminar, pois a festa deve e precisa seguir o seu curso natural, hoje, ninguém

poderá criticar, falar mal, ridicularizar ou denegrir a nossa imagem, sob pena de ser enquadrado no crime de racismo, muito menos alegar, seja lá qual argumento tenha, de que as fadas não existem. Por lei, não existe razão, mas delito tipificado. A justiça apenas colocou no papel o sentimento que temos há milhares de anos... Elas estão entre nós, e somos a prova cabal da sua existência...

E estendeu a varinha na direção da plateia, movendo-a de um lado a outro, lentamente. Nova salva de palmas ainda mais acalorada se ouviu. E poucos, ou quase ninguém, percebeu quando um contingente militar invadiu o recinto, em meio a chuva de paetês e lantejoulas, ao som do retumbante bate-estaca, aos gritos e danças... Quase não se notou os primeiros serem arrastados, jogados ao chão e agredidos, nem mesmo os seguintes e seguintes. Por fim, o comandante do destacamento, seguido por 3 soldados, subiu ao palco e circundou o orador e seus assessores.

- Mas o que é isto?! – Surpreso e aturdido, a fada-madrinha não sabia o que se passava. Foi quando percebeu a convulsão na sala.

- Estão presos!! – O capitão disse.

- Por quê?

- Desde as 16:38 h é proibida qualquer manifestação a favor das fadas. A justiça determinou que se referir a elas é fake news e antidemocrático...

- Mas foi aprovada a lei 24244224...

- Foi revogada pela lei 25255225, e agora falar mal das bruxas significa racismo.

- Mas não falamos mal delas...

- E daí! O que importa é tirar as fadas de circulação, porque vocês são perigosas e atentam ao estado de direito.

- Mas...

- Chega de “mas”, vamos!

As fadas que não foram presas, trataram logo de se vestirem de feiticeiras, até aquele dia... aquele dia... Muito antes, mas muito antes, da morte da Sininho e de nova “caça às bruxas”.



A Ilha do Tesouro

ou Construindo Jackyll & Hyde

Isaach Monifa

Depois de algumas décadas, refiz a leitura de “A Ilha do Tesouro”, meio que despretensiosamente, já que sempre considerei o livro infanto-juvenil (talvez por tê-lo lido umas duas ou três vezes até os 14 ou 15 anos), entretanto, nada pode ser mais falso, pois o livro está léguas de distância de uma mera história aventureira.

O livro prendeu-me a atenção pela volta à nostalgia, dos dias em que me imaginava um desbravador corajoso e destemido em um mundo de perigos e completamente desconhecido. Devo tê-lo lido em dois ou três dias, nos momentos disponíveis entre o trabalho, os estudos e os afazeres familiares; e acabava por me deixar ansioso de uma folguinha, para a volta à narrativa de Stevenson.

Como curiosidade, vale lembrar que a ideia inicial de R. L. Stevenson era escrever uma história para o seu sobrinho (alguns julgam ser o enteado), algo que aguçasse a imaginação e fantasia do jovem; publicada inicialmente na forma de capítulos em uma revista da época, e surgiu na forma de livro em 1883.

A grande importância do livro, além do próprio enredo, foi trazer para o gênero (que não existia como tal) elementos que o caracterizariam depois. O mote de tudo é a busca pelo tesouro do “Capitão Flint”, um pirata terrível que supostamente havia enterrado uma grande fortuna. O motim dos tripulantes e a luta pela sobrevivência, enquanto a corrida ao baú continuava, são o pano de fundo para o desenrolar da estória.

De um lado temos o “bem” nas pessoas do jovem Jim Hawkins (o narrador, em primeira pessoa), Capitão Smollett, Dr. Livesey e o Lorde Trelawney; em outro lado temos Hands, Papy, Arrow e o carismático, mas não menos temido,



Silver. Ele é um caso à parte. E será dele a maior parte deste comentário.

Situemos “A Ilha do Tesouro”, escrito cinco anos antes de “O Estranho Caso do Dr. Jackyll e o Sr. Hyde”, também conhecido como “O médico e o Monstro”. Encontramos na figura do cozinheiro Long John Silver (um disfarce para encobrir as suas reais intenções) características, ainda que preliminares, a comporem a personalidade central de Jackyll e Hyde, os conflitos entre o bem e o mal. É claro que nada disso é traçado de forma límpida, o tal do preto no branco, como se fossem meros espectros antagônicos, sem conflitos interiores, dúvidas e muito pouca certeza. Não sou dualista; entretanto, entendo que existe um conflito em curso na vida, ora pendendo para um lado, ora outro, as vezes entrelaçados; ainda que boa parte das pessoas esteja em lados opostos, aparentemente, numa guerra de interesses.

Silver é uma mente culta, de intelecto privilegiado, de retórica apurada, mestre tático,

ardiloso, sedutor, capaz de convencer a pulga de que é o cachorro. Em contrapartida, é uma mente atormentada, capaz de cometer atrocidades e crimes sem um leve pestanejar, sem qualquer arrependimento ou compaixão. Da mesma forma que transparece eloquência, e uma boa dose de submissão aos seus empregadores, o fim é apossar-se do tesouro de Flint, e a fúria desmedida a qualquer um que atravesse o caminho, o tornará sanguinário e cruel. Nem mesmo o carinho e interesse quase paternal pelo jovem Jim (de certa forma, ainda que momentâneo, protegendo e ensinando-o os segredos da navegação) o impedirá de afastá-lo como um mero obstáculo a ser transposto até a posse do tesouro.

Estando na meia-idade, e tendo uma perna-de-pau, sua força física, aliada a uma violência natural (sem nos esquecer da sua sagacidade), torna-o em um oponente quase imbatível. O temor pelo qual perpassam inimigos e aliados é completamente justificado pelo corpo e mente diabólicos de Silver. A luta dele é pela sobrevivência, mesmo que se decida por um lado, e depois por outro, os interesses são os de preservar-se a todo custo, ainda que resulte em dupla traição: aos antigos inimigos feitos novos amigos, e aos antigos amigos feitos inimigos.

Existe alguma semelhança na construção de Silver e Jackyll/Hyde, numa luta ferrenha entre as virtudes e os vícios, travadas na alma do mesmo homem.

Na teologia cristã, e na vida de cristãos conversos, essa batalha se trava no âmago em que, transformados e regenerados por Cristo, ainda se vive com a natureza pecaminosa. Em vários textos bíblicos temo-la como a "luta entre o espírito e a carne". Essa é uma realidade vivenciada em maior grau pelos cristãos, cientes do que seja o bem e o mal, o moral e imoral, vida e morte. Mas mesmo os não-cristãos têm em si a centelha do Imago Dei, e trava-se a mesma disputa, por causa dos atributos divinos transmitidos ao homem quando da sua criação.

Por que toquei nesse ponto? Porque a boa literatura não prescinde a realidade, muito menos a realidade moral, da qual Silver e Jackyll/Hyde são exemplos do que somos, fomos ou seremos, em algum momento e alguma proporção. Ainda que a crueldade de Silver e Hyde não aflore em nossos atos, a certeza é de que, sem os aspectos da moral divina a nos frear, seríamos tão ou mais sanguinários que eles.

Se levarmos em consideração que "O Médico e o Monstro" é uma aventura pela loucura, cobiça e depravação de Jackyll, a pretensão de se fazer Deus, como certo personagem do Éden, "A Ilha do Tesouro" não é menos uma aventura pela alma conturbada de Silver do que a caça à riqueza e poder. Por isso, Long John se inscreve no rol dos grandes personagens literários de todos os tempos, como um alerta para vencermos o mal. Por pouco, não pagou por seus atos, debaixo da benevolência do Dr. Livesey e de um acordo interessante a ambos. Fica contudo a imagem de o homem sem Deus poder resistir ao apelo do mal por algo de divino que ainda reside em seu ser, mas de que invariavelmente ele será apenas o que é, um fugitivo do bem a cair nas malhas ou teias dos vícios e pecados.

Ben Gunn entendeu, à sua maneira, aplicar engenhosamente os princípios morais, negando o que fora, para aliar-se àqueles que o salvariam. Ainda que tenha voltado novamente ao vômito como o cão... tempos depois. Mas vou parar por aqui, senão um comentário pode se tornar um ensaio. E estou longe de escrevê-lo.

Avaliação: (****)

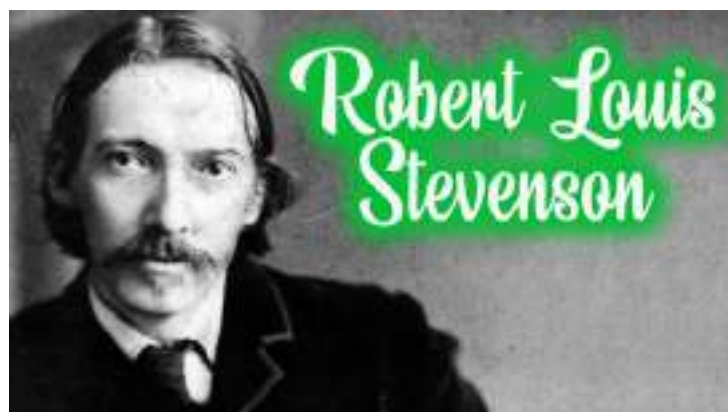
Título: A Ilha do Tesouro

Autor: Robert Louis Stevenson

Editora: L&PM Pocket

No. Páginas: 366

Sinopse: "Stevenson concebeu A ilha do tesouro para o divertimento de seu enteado, Lloyd Osbourne, que tinha doze anos em 1881. Escrevendo a seu amigo W. H. Henley a respeito do novo livro, ele declarou que "se isto não encantar os garotos, ora, então eles mudaram muito desde que eu era criança". Uma história de piratas, com um mapa, um tesouro, um motim e um cozinheiro de bordo com uma perna só, A ilha do tesouro permanece uma das histórias de aventuras mais amadas da literatura. - L&PM"



coluna do

ClodoKill

Fernandes

O filósofo mineiro Kafunga (se quiser conhecê-lo, peça socorro ao Google) dizia sempre que no Brasil o errado é o certo e o certo, errado. Em seu tempo, as ideias pós-modernistas ainda não ganhavam as ruas e conversas no Mercado Central, entre porções de fígado acebolado, jiló e doses de Salinas. Hoje, é quase regra não existir certo e errado a não ser para o indivíduo, ou seja, a verdade de cada um e que pode ou não valer para o próximo. Não vou entrar em suas contradições, porque teria de escrever um tratado, mas se querem tanto enaltecer a pessoa, por que insistem desgraçadamente nos coletivismos, em um pensamento único, insofismável e geral, tornando os indivíduos em gado, manadas de ruminantes, guiadas por jumentos à esquerda e direita?

As maluquices tupiniquins não param por aí.

Uma deputada psolista ou petista, tanto faz, defendeu no Congresso o aumento da alíquota de impostos para produtos masculinos, alegando “machismo” estrutural nos preços. Alegou um complô entre fabricantes, comerciantes e o governo para discriminar as mulheres e seus hábitos consumistas. Disse haver o “sexismo manufatural”, e considerava inadmissível e uma forma de preconceito das mais hediondas e cruéis. Num mundo onde os psolistas, petistas, libertários e afins defendem aberta e descaradamente o fim dos sexos e uma lista infindável de gêneros, onde o homem pode se considerar beija-flor ou bromélia, a mulher um sagui ou pirilampo, ela quer começar uma “guerra dos sexos” fiscal? Outro dia, ocorreu o julgamento de uma mulher que assassinou, esquartejou e enterrou o marido no quintal. Segundo as feministas, ela agiu em legítima defesa, uma vez que

todos os homens oprimem as mulheres e estas são sempre dominadas pelo autoritarismo e brutalidade dos homens. Alardearam o heroísmo, coragem e valentia da esposa em pôr fim aos abusos e à tirania conjugal. Vizinhos, amigos e parentes, até os da referida mulher, diziam que o falecido era bom, gentil e afável, fazia todas as vontades da cônjuge, tratando-a com mimos excessivos; havia uma campanha em curso para difamá-lo, era o corrente à boca miúda. A “ass4ss1n4” conseguiu uma liminar proibindo acusá-la de homicídio e qualquer um a falar bem do ex-marido, sob pena de multa e prisão. Na sentença, a juíza não somente absolveu a mulher, como condenou o marido à pena de morte, e de a ré haver cumprido tão somente o seu dever de cidadã, antecipando-se ao aresto. Foi homenageada com o nome de uma rua, a medalha de honra e mérito, um vale combustível e produtos caninos para sempre, não enquanto vivesse o seu Yorkshire, mas enquanto continuasse viva.

Não sei aonde este país vai parar, ou mesmo se vai parar, pois no andar da carruagem, passageiros e cocheiro puxarão o carro enquanto os cavalos ocupam a boleia, sem entender por que devem seguir tantos idiotas.



CRIMES IMAGINÁRIOS

Você já se pensou sendo acordado em plena madrugada por sirenes da Polícia Federal, com os agentes batendo furiosamente no portão e o cachorro latindo, correndo o risco de tomar um tiro de metralhadora no focinho, caso a esposa não vá lá fora de roupão para abrir o cadeado? Você é algemado e colocado dentro de um camburão, rodeado de homens bombados cheios de fetiches com aquelas suas roupas pretas apertadas, cinturões atravessados, emblemas, bonés, óculos de sol do tipo Rayban preto, mesmo sendo noite, enfim, um mise-en-scène danado para levar um cidadão qualquer que não se envolve com questões políticas e muito menos mantém ligações com o crime organizado, um pacóvio pagador de impostos, enfiado em um escritório de cobrança das 8 às 22 horas, todos os dias da semana, para dar conta de pagar as despesas básicas da família e sustentar um sistema decadente que não privilegia quem é verdadeiramente honesto.

Chegando na delegacia, o delegado foi logo anunciando: "Você está sendo preso por crime de opinião". Mas qual seria a opinião que teria dado e que fora considerada crime? Lembrou-se de que, na semana anterior, teria respondido a um questionário que chegou em seu e-mail, a respeito de um liquidificador que havia comprado, e que teria dado uma nota 7 para os serviços prestados, e outro 7 para o produto, e bem que a esposa avisou que isso poderia dar problema, que era melhor dar logo um 10, e talvez ela estivesse certa.

Teve também um episódio, em que estavam demonstrando uma nova marca de presunto Parma no supermercado, e ele experimentou e disse que não tinha gostado muito, pois teria achado com gosto de sangue, e talvez tivessem entendido que estaria expressando a sua reprovação à cor vermelha, e assim o denunciado às autoridades.



O Brasil havia mudado, muitas coisas estranhas estavam acontecendo, principalmente com a nova modalidade de "crime de desinformação". Ela não conseguia entender, pois desinformação seria a ausência de informação, e se alguém prestasse alguma informação, estaria naturalmente informando, mas não desinformando. Melhor seria falarem "crime de informação errada", mas aí teriam que dizer qual era a informação certa, e assim a coisa ficaria complicada, pois teriam que provar que o errado era certo, e o certo, errado.

Outra coisa que achava estranho era essa questão das "fake news", que teria o mesmo significado de desinformação, mas todas as pessoas que teriam sido presas ou censuradas estavam falando a verdade, daí concluir que "fake news" significaria falar o que desagradava ao censor.



Mas havia também o chamado crime de ódio, que nada mais é do que chamar bicha de bicha, gordo de gordo, preto de preto, branco de branco, santa de santa, chinês de chinês, careca de careca.

Essa questão do ódio estava tão grande que teve um Deputado Federal muito corajoso que veio a público para falar que "quando eu odío, eu odío mesmo", mas ninguém o levou a sério porque nas horas vagas ele representava o papel de palhaço.

Com todas essas conflitos, o governo achou melhor realizar a "regulamentação das mídias", ficando terminantemente proibido a todo cidadão brasileiro falar o que pensa, sendo preferível, doravante, nem pensar.

A velhinha de San Andrés

Jorge F. Isah

O mundo é mau, dizem alguns, enquanto comem caviar, lagostas e bebem um Domäne Leroy Chambertin Grand Cru, de U\$ 4.000,00 a garrafa. Só se for para as ovas do Huso Huso, dos crustáceos decápodes ou das pobres vitis viníferas. Na verdade, o mundo não é mal. O problema é ter gente só pensando o mal e buscando o mal, enquanto dizem querer o bem. Como aquela galerinha que vive falando em paz, amor, na opressão das codorninhas antes dos ovos eclodirem, enquanto, no silêncio dos fones Beats e segura em seu quarto, maquina esquartejar e atear fogo na inofensiva velhinha no GTA San Andrés. Não obstante, alguém pode questionar ser mal um ataque puramente virtual onde não existem vítimas reais? Claro que não. Seria um absurdo. Mas uma semente daninha, se cair no terreno certo, virará uma árvore dos capetas.

Certa vez, ouvi de um amigo a seguinte história: Estávamos eu, minha esposa e meus filhos no velório da irmã da tia da amiga de minha mulher. Ela morrera muito jovem e prematuramente. O filho mais velho tinha doze anos. Nos sentimos abalados com a notícia, a despeito de esperar o fim trágico havia algum tempo, já que a doença era incurável. Pois bem, eu não conhecia a quase totalidade das pessoas do lugar, e como minha filha estivesse muito triste, ela se aproximou, encostou-se em mim, e abracei-a, consolando-a. Nisso, chegaram algumas mulheres e conversaram com a minha esposa. Eu não sabia quem eram, mas presumi, pela tristeza, serem parentes. Ficaram lá um tempo; e no ambiente de comoção, talvez por descuido, não fizemos as apresentações.

Então, uma das mulheres, a que mais me observava (desde a chegada, fixou-se em mim, descaradamente), cochichou algo. Minha mulher virou-se, e sorriu encabulada:

- Este é o meu marido e a minha filha.

- Ah, bom, a amiga disse, pensei que fosse mais um velho safado enrabichado por uma garotinha.

Fiquei tão chocado que não disse nada. Apenas imaginei: que raios levou esta mulher a pensar tal coisa?... Devia ser um recalque, trauma ou simplesmente estupidez.



No fundo, todos esses elementos têm origem no mal, normalmente da própria pessoa. Se você não procurar, não encontra. E mesmo se procurar, pode não encontrar. Mas se insistir na busca, por certo, mesmo que não encontre, arrumará um jeito de crer que encontrou. Assim é boa parte das pessoas que pensam maldades, e as veem nas atitudes mais inocentes e castas. Nada é mais deletério do que os pensamentos delas, muito mais do que a produção necessária para entupir a latrina.

Outro dia, um velho, ostensivamente, olhava uma adolescente em vestes sumárias. Ao ponto de a garota se incomodar, trocar de lugar, e ficar de longe esguelhando-o. Ele não se importou, e manteve-se fixado nela. Por fim, ela desistiu e saiu porta a fora.

Então, ele se virou para mim e disse:

- Viu aquilo?

- Não. O quê?

- Ora, essas meninas não sabem mais como se portar em ambiente público. Vestem-se como prostitutas, e não respeitam ninguém.

Eu verdadeiramente não queria aquela conversa. Mas não me contive, tal a dissimulação do velho gagá.

- E o senhor, sabe?

- Sabe o quê?! – ele estava intrigado, quase assustado, e sem me entender.



- Portar-se em público?
- Ora, como ousa! Sabe com quem está falando?
- Não, não sei. E o senhor, sabe?

Esperou um instante. Os olhos indecisos e a língua claudicante. Por fim, respondeu:

- Não, não sei... Quem você é?
- Sou o homem que vejo um hipócrita a metros de distância, mas um canalha posso senti-lo quilômetros mais.

Levantei-me, e saí da poltrona onde estava. Do seu lugar, ele me encarou. Até que foi chamado. A secretária do proctologista ao vê-lo, disse sardônica:

- Por aqui de novo, seu Mário?... – E lhe deu um tampinha nas costas - Desse jeito, vou ter de arrumar um cantinho para o senhor.

- Ora, ora, menina, não carece.

Entrou sorridente, talvez sem entender, talvez entendendo, talvez sem aceitar, talvez aceitando as formulações da enfermeira. De minha parte, estava aliviado de não receber tratamento tão íntimo, mesmo da equipe oftalmológica.

É o que sempre digo, a despeito do pecado original, da natureza caída do homem, ainda resta muito do “imago dei”¹ em cada um de nós, e, por isso, existe bondade nas pessoas, talvez não o suficiente, talvez em módicas porções, mas capaz de nos fazer lembrar do que somos, do que não somos, do que deveríamos ser e não podemos ser, mas é sempre Deus a nos mostrar como seremos, se para o bem ou para o mal, é ele quem nos mostra, nos guia e nos orienta e sustém no caminho para o bem. É uma discussão longa, que o exíguo espaço desta revista não permite, mas o fato consiste em: se procurar o mal, o encontrará até mesmo nas coisas boas e saudáveis da vida. Se procurar o bem, é possível que do próprio mal Deus faça o bem, e você se surpreenda.

Surpreso ou não, existem os incapazes de ver além dos próprios olhos, de enxergar além de si mesmo e, por isso, ninguém ou nada jamais prestará. Os niilistas foram tão eficientes em espalhar seus dogmas, seu pessimismo além do próprio ceticismo e derrota, que mesmo que a vitória caia-lhe nos colos, a tratarão como inimiga, venenosa, absurda e sem sentido. Se um deles, não segundo a realidade ou as exigências da vida, mas segundo a descrença utópica ou melhor, a relutância absoluta, estivesse se afogando e lhe dessem uma boia salva-vidas, ele a recusaria, ciente de não haver nada em seus prin-



cípios a consentir com tamanha nulidade. E, ainda por cima, acusariam o bombeiro, a tentar resgatá-lo, de astênico e covarde.

Certa vez, um jovem foi vendido como escravo por seus irmãos. O seu nome era José. Acabou levado para a casa de um importante figurão em um país distante. Lá, em uma série de encadeamentos providenciais, acabou por ganhar a confiança do rei. Ao se antecipar e prever tempos difíceis, de fome e escassez, e tomar atitudes e medidas para o reino não sofrer as agruras da penúria, se tornou primeiro-ministro. Durante a miséria da região, sem saber, seus irmãos migraram para esse país, em busca de alimento, já que era o único preparado para atender as necessidades não somente do reino mas dos países ao seu redor. Quando perceberam que o segundo homem mais importante era o seu irmão, entregue como escravo na adolescência, imaginaram que seria o momento de vingança e que estariam literalmente ferrados. Não esperavam por misericórdia, mas justiça. Não esperavam perdão, mas sentença. Muito menos afeição. Nada além do castigo.

Então, o primeiro-ministro ao vê-los, chorou, abraçou-os, mandou alimentá-los, trocar-lhes as roupas, e fazer uma festa. Estarrecidos com aquela situação inesperada, mas ainda temerosos, ouviram de José: “Vós bem intentastes mal contra mim; porém Deus o intentou para bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida.”²

Você pode se lamentar e dizer: ninguém presta!... Este mundo não vale nada!... Mas, na verdade, você é apenas medroso, um poltrão a lançar por todos os lados, e sobre todos, os seus receios e pavores, resumidos nestas palavras: amar e fazer o bem.

Por incapacidade, escolha ou fingimento, atear fogo ou esquarterar inocentes no GTA certamente é o seu jeito de dizer: dane-se!

Principalmente, a si mesmo.



SPOILLERS

Esta coluna foi imaginada para zoar com o leitor, para contar todo o enredo de filmes ruins, inclusive o seu final, para evitar que tenha o trabalho de assistir essas porcarias, mas o problema é que normalmente não assisto muitos lixo, pois seleciono os filmes com base no diretor, nos artistas, no tema e às vezes nos comentários de críticos confiáveis. Contudo, vez ou outra ainda caio em alguma enrascada, e isso acaba vindo parar aqui, para que o leitor evite passar por uma experiência incômoda. Mas vezes me faltam filmes ruins para comentar, a exemplo do que ocorreu no mês passado, quando falei sobre "Pulp Fiction", talvez o melhor "cult" de todos os tempos. Mas hoje vou falar de "Meu Pai", com Anthony Hopkins, artista por quem nutro um enorme respeito, e que venceu, com este filme, o Oscar 2020 como melhor ator, o que poderia não significar grande coisa, pois a Academia de Cinema de Hollywood não há de ser um órgão dos mais respeitáveis. Mas o filme é incômodo, de tão bom. Vale a pena assistir.

Eu me vi no papel de Anthony Hopkins, neste filme de 2020, dirigido por Florian Zeller. Apesar de bem mais velho do que eu, não posso negar que já sou um idoso. Um jovem idoso, se é que posso dizer assim. Mas senti na pele o que há de ser o início de uma "senilidade", com os esquecimentos e confusões que muitos idosos são acometidos, não necessariamente com problemas relacionados ao Alzheimer.

O filme mostra a perspectiva do personagem Anthony, o que pode parecer confuso para os espectadores menos avisados, talvez acostumados com recursos do "flashback", apesar de o filme não se utilizar disso: os personagens vão aparecendo e desaparecendo, assim como a mobília e a decoração da casa, de acordo com a "confusão" que vai se formando na cabeça dele.

Para quem assistiu "O Silêncio dos Inocentes", filme que lhe rendeu outro Oscar, em 1992, sempre vai esperar alguma surpresa daquele olhar frio e profundo de Hopkins, mas o que vemos, em determinado momento, é a expressão da mais profunda solidão do ser humano, em seus momentos derradeiros.



Anthony chora ao final, no ombro de sua médica, e acho difícil que não choremos com ele, tamanha a sinceridade da atuação desse fabuloso ator, que este ano irá fazer 86 anos, lúcido e firme.

Chegam a ser engraçados os episódios de suas rabugices, como quando procura o seu relógio pela casa e acredita que teria sido roubado pela empregada, ou então o genro, que estaria usado um bem parecido com o seu, mostrando o seu apego a pequenas coisas que lhe asseguram os últimos lapsos de memória.

Mas o desespero é maior quando lhe dizem que a casa em que mora não é sua, o que há de ser menos impactante do que saber que uma de suas filhas já havia morrido há tempos, e que às vezes não consegue reconhecer a sua outra filha, e tampouco o seu genro, que pode ser confundido com um médico ou enfermeiro.

Um filme extremamente sensível e preocupante, visto que o envelhecimento é algo desprezado pela nossa sociedade imediatista, que não pensa em qual destino dar aos seus idosos, passada a sua fase produtiva.



A MULHER DO

Jorge F. Isah



A casa estava em petição de miséria, completamente vandalizada e destruída. As cercas foram arrancadas. O jardim e grama pisoteados e devastados como se tivessem sido visitados por bodes famintos ou elefantes em debandada. As portas rachadas, janelas estilhaçadas, calhas, torneiras e as pedras da entrada e soleira arrancadas ou avariadas. Pichações com palavrões, desenhos onde a sua cara se parecia com vulvas anômalas, montes de esterco, e os menos agressivos simulavam a figura de bruxas; e expressões a denotar ameaça ou sarcasmo do tipo “Fora” ou “Seja bem-vinda”, espalhavam-se pelos quatro cantos, de cima a baixo, significando um interior ainda mais defraudado e pilhado... Num arroubo de ordem e política urbanista, quase uma provocação, pensou a mulher do 171, as demais casas da rua se contrapunham com um estilo padronizado, onde todas as residências estavam recém-pintadas em grená, os muros e cercados em laranja, os gramados verdejantes e os jardins com moitas de mimosas à frente das grades e cercados.

Ao chegar à esquina, quase não reconheceu o lugar, e foi necessário certificar-se de ser ali mesmo, e confirmou com a placa novinha em folha: Rua 5 de Maio. Pela primeira vez, perguntou-se o significado da data, ao que ela remetia, mas considerou melhor deixar isso para outra hora, já que por anos não se

interessou ou cogitou a razão da escolha... Podia ser uma data festiva, de algum acontecimento histórico importante ou simplesmente a falta de criatividade do poder público em encontrar uma solução melhor. Fosse qual a motivação, em nada mudaria a sua vida, era melhor largar para lá e cuidar de esquecê-la assim como negligenciou até aquele momento.

Ao dobrar a esquina, avistou os moradores aguardando-a nos portões, nas janelas, e alguns tentavam se disfarçar, fingindo varrer as calçadas ou podar as flores e grama. Um martelava o portão, enquanto outro jogava bolinha para o cachorro. Aparentavam uma naturalidade afetada, dissimulada, como se a vida estivesse a correr em seus hábitos mais vulgares e comezinhos, e o seu retorno não expressasse qualquer envolvimento, fosse gosto ou mágoa, piedade ou pirraça, raiva ou afeição, passividade ou atenção, aprovação ou queixa... Todos pareciam sem motivação, nada capaz de causar-lhes o comportamento e também produzir efeitos diante da figura quase invisível da mulher. Obviamente não era verdade. Estavam se segurando, contendo os nervos, a emotividade temporariamente controlada, a excitação silenciosa, a ansiedade latente, tédio e algidez treinadas como as de animais amestrados; porque a invisibilidade era tangível, à espreita, sensível, contudo mascarada pelo disfarce e indiferença.

O cenário insólito e kafkiano, a princípio fez a mulher virar-se de um lado a outro, e, por fim, aumentar os passos e olhar fixamente adiante. Aprumou-se, ergueu a cabeça até sentir dores no pescoço, traçou uma linha reta de onde não se desviaria, e batia os pés com força no concreto, a produzir um som cadenciado e homogêneo, assim pensou fazer, e deixar evidente o seu destemor e irredutível convicção. Na verdade, por dentro, e talvez pela primeira vez, sentia-se apavorada, os demônios a apossá-la com toda a sorte de dúvidas, riscos e desconfianças; à medida que os centímetros e metros eram conquistados os temores não diminuía, e quando por fim avistou, no fim do quarteirão, a sua casa, ela configurava-se a anomalia, uma deformação do modelo exibido publicamente na Rua 5 de Maio. Aquela visão revolveu-lhe o estômago. Enrijeceu os punhos e uma irritação aguda e o zangar ocupado transtornou-lhe as faces, o olhar e a respiração. A que ponto foi capaz de chegar a incitação gratuita e o ressentimento indecifrável?... Tudo bem, não era lá flor que se cheire, mas qual deles pode se dizer

prejudicado por ela? Ora, alguém se importa com resmungos e muxoxos, ranzinzices e impertinências? Qual deles poderia atirar a primeira pedra? Seriam eles os novos “sommeliers” da moral alheia? E quem seria fiscal da moral deles mesmos?

Anos e anos, dia após dia, se esforçava para deixar a casa limpa, impecável, tudo em seu devido lugar, quase um santuário, onde a higiene milimétrica assumia status de liturgia de expurgação... e agora, os escombros, a sujeira, o caos, a derrota... mas se deixaria conter por regras inaceitáveis? Pelo descabimento coletivo?... Ah, não! Não daria esse gostinho a eles, de jeito nenhum. Nem que fosse necessário, poria novamente pedra sobre pedra, levaria o orgulho ao ponto máximo de eficiência, e se pensavam se ver livres dela, não perdiam por esperar.

Como alguém disse: a vingança é um prato que se come frio!... Ainda que gastasse o restante da vida, ela não recuaria... E se preciso fosse exercitar a paciência... “Aquela bruaca está soltando um risinho no canto dos lábios... Vaca!... Vou arrancá-lo da sua cara bovina!... E o seu Mário, quase um sexagenário, se portar como um adolescente retardado, daqueles que mijam na cama à noite... Ah, e os outros, pústulas, ordinários, se prestarem ao papel de... Ah, meu Deus! o quintal cheio de fezes e o fedor de urina de cachorro, lixo espalhado por todos os lados, restos de mobília, roupas e entulhos na porta e sobre a grama”... Se havia algo a transtornar-lhe o juízo, o equilíbrio e a sanidade era lixo, bagunça, descaso e agressão gratuita. Nada podia elevar o nível de adrenalina, deixá-la alerta e em prontidão para batalhas intermináveis do que o desleixo, a sujeira e o cheiro fétido da provocação.

- Desgraçados! Malditos desgraçados! – Gritou a plenos pulmões.

Não houve réplica, não houve reação, mesmo os ouvidos deliciando-se com a imprecação, a resposta de nada ter sido feito em vão, de a primeira batalha ser bem sucedida e deixar o inimigo à sua própria sorte... e enervar-se significou quase instintivamente o sinal de ter baixado a guarda e mostrar-se vulnerável, abalada, pois era isso o que os vizinhos esperavam; e isso confirmou ser possível: vergar o ferro ou quebrar um bloco de gelo, e ela não se sentia nem como um nem como outro, mas um bote exposto ao sol do deserto... balançou a cabeça, sacudiu-a em movimentos rápidos, a afastar o negativismo e começar, ali mesmo, naquele momento, superar suas fraquezas e tramar o contragolpe, enquanto ouvia o mover das vassouras no chão, o martelo no prego e madeira, as tesouras cortando ramos e talos e, de uma casa que não soube identificar, vinha uma música que primeiro pareceu-lhe um esmeril na pedra e depois acordes dissonantes e irregulares, algo chucro, de gosto azedo e inaudível, não que imperceptível, mas porque era simplesmente desagradável, tosco, sem fascínio ou encanto. E isso provinha dela, pensou, que não era nenhum exemplo de virtude e erudição, mas sabia quando uma coisa não prestava, e aquela música era intragável e repulsiva... De uma feiura inimaginável, absoluta, proveniente de uma alma detestável, agonizante, com requintes de provocação banal, infantil, escolhida apropriadamente para recepcioná-la e revelar os caracteres que a escolheram e anunciaram...

Tempos depois, descobriu, ao ouvi-la na rádio estatal, num programa do tipo “Hora vanguardista”, a mesma abominável composição, de certo italiano chamado Luigi Nono... e ela pensou: nem se fosse o primeiro valeria a pena, quanto mais o nono.



CRENTE

por Michel Salomão

Amar não é fácil, mesmo para uma criança. Você dá a ela alimento, carinho e proteção, mas uma hora ela pode enfiar um dedo no seu olho, mas isto não significa que ela não o ame, e o mais provável é que nem saiba o que sente por você. Com o tempo ela poderá se acostumar com a sua existência e começará a gostar das compensações em troca de gracejos, mas isso ainda poderá não ser amor.

No sentido bíblico da palavra, amar a Deus pode significar respeito e obediência. Como assim? Posso até respeitar e obedecer o meu patrão, mas não o amar. Arrisco dizer que, no máximo, o tolero, e se não fosse o salário, nem o cumprimentaria – é o que diria a maioria das pessoas. Mas com relação a Deus é diferente: tudo começa com uma curiosidade, depois vem o temor, o consolo, o conforto, a paz, o respeito, a obediência e, por fim, o amor. É uma coisa que você vai construindo com o tempo, mas para algumas pessoas pode demorar muitos anos, enquanto para outras é instantâneo.

Não parece fácil? Para cumprir o que está determinado na Bíblia, como o maior mandamento, “amar a Deus acima de tudo”, basta obedecer os seus mandamentos e PIMBA: está aprovado. Vai para o céu! Mas será que é tão fácil assim? Não, não é nada fácil.

Melhor do que obediência é ter confiança, não questionando o que está escrito em seus ordenamentos. A Bíblia é um código de conduta: ela determina como devem ser as relações entre as pessoas, sob a subordinação de Deus. Se fôssemos refletir melhor, poderíamos desprezar os demais códigos e leis do mundo, porque na Bíblia está descrito tudo o que devemos fazer ou não fazer, tudo o que é lícito ou ilícito.

Mas as pessoas mal conseguem obedecer os 10 mandamentos, que é um resumo de tudo, e ficam inventando uma maneira de suprimir um ou outro detalhe, deixando tudo de acordo com a sua conveniência.

Para muita gente, a vida se resume em obter alimentos, satisfação sexual, executar as funções excretoras, realizar tarefas rotineiras em troca de dinheiro, dormir e acordar. Seremos vítimas do acaso? Poderemos viver até os 90 ou anos ou pouco mais, ou perecer diante de um acidente estúpido, uma bala perdida ou uma infecção alimentar? Tudo funciona em razão da sorte ou azar?

A gente começa a ter uma noção maior de nossas limitações quando voa em um avião. Vistos lá de cima, os rios são como espaguete e os navios no oceano são como grãos de arroz. Aí é que teremos a verdadeira noção do quanto somos insignificantes

e que todo o nosso orgulho e presunção não valem absolutamente nada.

Espero ter a sorte de despertar o interesse desse público pouco afeito às regras e aos rituais religiosos que tanto assombraram a minha infância, me entediaram a adolescência e me divertiram na fase adulta. Sim, eu me diverti muito com os excessos praticados por algumas igrejas que, no desespero de atrair a sua “clientela”, atuavam como se fossem uma empresa comercial, chegando às raias do ridículo ao contratarem atores fajutos para fazerem papéis de paraplégicos e endemoniados, e se curarem todas as noites diante de fiéis atônitos.

Sei que as igrejas precisam se sustentar, pagar as suas contas, ajudar as pessoas necessitadas, mas jamais poderá cair nas armadilhas do empreendedorismo, ou se transformarão em um simples “buziness”, o que em muito desagradaria Jesus. O objetivo principal de qualquer que seja a denominação a que esteja ligado o templo deve ser EVANGELIZAR.

Ainda criança, tinha que acompanhar a minha mãe às missas dominicais nas igrejas católicas, sendo obrigado a presenciar o sofrimento das velhas beatas envoltas em seus chales de renda, tendo sempre as mãos o seu terço, murmurando os seus “bzzz, bzzz, bzzz, bzzz, bzzz”. Durante muito tempo, acreditei que elas faziam exatamente assim, e passei até a imitá-las, adotando uma certa expressão de sofrimento, desconhecendo que Jesus já alertava para a inutilidade das “vãs repetições” (Mateus 6.7).

Deus é invisível. Ele só aparecerá para você se ELE quiser. Você não define nada. Deus para entender? Pode pirraçar, fazer beicinho, chorar, mas a decisão é única e exclusivamente DELE. O seu momento pode chegar ou não. Você pode ser salvo ou não. Peça com humildade e a sua súplica poderá ser atendida. Ou não. Não gostou? Peça para o Chifrudo que ele o atenderá prontamente. E lhe roubará a alma.

Jesus falava sempre assim: “a sua fé o curou”. Era extremamente modesto. E quase não fez milagres na passagem por sua terra natal, pois as pessoas não acreditavam que aquele filho de carpinteiro, a quem conheciam desde a infância, fosse o enviado de Deus na Terra.

Recentemente, ouvi a crítica de um incrédulo, que acusou Deus de ser arrogante e vaidoso, sempre exigindo ser exaltado, louvado, adorado, mas a verdade é que só Ele tem o direito de fazer assim. Ele é o dono de tudo, o criador, o inventor, o artista: nós não somos nada. Nada, entendeu? Temos que ser humildes, temos que nos ajoelhar, orar, pedir e agradecer. É só isso, pronto e acabou.

O estranho caso do casal Y e X

Jorge F. Isah

Era um casal normal. Extremamente normal. Daqueles que se encontra nas ruas e sequer notamos, pois se misturam no meio da multidão como as formigas no formigueiro. São apenas formigas, nada as distingue, nada as torna diferentes umas das outras. Ao identificar uma, identificamos todas. E assim, era o casal. Comum, trivial, banal. Seja de mãos dadas, seja com elas separadas. Seja sentado ou em pé. Comendo ou pagando contas. Alegres ou tristes. Em grupo ou sozinho. Eram tão comuns como grama e esterco no pasto.

Eles mesmos não se consideravam grande coisa. Tinham e faziam o que a maioria tinha e fazia. Não esperavam nada excepcional da vida. Talvez a casa quitada depois de 30 anos, o casamento da filha ainda não nascida, netos, cães e gatos, um canário para chamar de seu. Talvez dois carros, uma enorme tv 8k de 60 polegadas e apartamento de 30 m² na praia. Uma aposentadoria suficiente para custear os remédios, comida e férias anuais. Eram os planos para o futuro. Se tudo desse certo e corresse bem.

- Somos comuns, disse Y, em uma roda de amigos.

- Que nada! Vocês formam um lindo casal... – Sem muita convicção, talvez numa tentativa de esconder a própria ordinariedade, a amiga soou apenas bajuladora em meio a todos.

- Não vejo problema algum em ser comum. - Era a vez de X se manifestar - Pelo menos sabemos quem somos e o que somos, enquanto a maioria finge algo que não é sem aceitar o que verdadeiramente é.

As palavras tinham sentido no imaginário dos fraternos colegas, entretanto, não caiu bem. Parecia uma forma de atacá-los, de lançar-lhes em rosto a dissimulação e a máscara com que se apresentavam, segundo imaginaram conceber X.

- Você está nos chamando de hipócritas?!!

- Não, não foi isso que ela quis dizer. - Y tentou contemporizar.

Mas X estava decididamente amarga e belígera demais aquela noite.

- Se a carapuça serviu...

Os amigos, estarecidos, prolongaram o “oh!” por alguns segundos, e deixou Y ainda mais incomodado com a atitude da esposa.

- Gente, gente, não levem em consideração o que ela diz... Hoje ela está naqueles dias, se me entendem... Não há prozac que dê conta... – Finalizou com um riso encabulado, na tentativa de apaziguar os ânimos e reprimir o constrangimento.

- Ela pode estar nos seus dias, mas nada justifica esse absurdo!

- Sim, é um ultraje!

- Vamos pedir a conta!

Mais uma vez, Y tentou contornar a situação, contudo sabia-a azedada. Voltou-se para a mulher:

- X, o que é isto?!... Não percebe o que está fazendo?!

- Percebo, sim! E já era hora de pôr um ponto final nesta relação tóxica!

- Que raios está dizendo?! – O marido, atônito, não compreendia a causa do destempero dela.

Um a um os amigos levantaram-se e saíram. Alguns em silêncio, outros entre resmungos. E uma delas enervada ao ponto de praguejar. Ficaram X e Y, entreolhando-se; ao mesmo tempo, os demais fregueses, antes observadores atentos da confusão, dispersaram as atenções retornando à velha rotina de comes, bebes e conversa jogada fora. Nenhum ambiente era mais propício às distrações frívolas e supérfluas do que essa tríade festeira. Certa vez, um sábio disse: “É melhor ir a uma casa onde há luto do que a uma casa em festa, pois a morte é o destino de todos; os vivos devem levar isso a sério! A tristeza é melhor do que o riso, porque o rosto triste melhora o coração. O coração do sábio está na casa onde há luto, mas o do tolo, na casa da alegria.”.

- O que deu em você? – Disse Y, aborrecido.

- Ah, estava de saco cheio dessas conversinhas e desses tipinhos! - Ela não refreou a irritação.

- Mas, por quê?... São amigos de longa data, pessoas que conhecemos a vida toda... Não entendo... Justo, agora...

- Só me arrependo de não ter feito antes.

Y pensou em contra-argumentar, porém, desistiu. Não havia razão ou motivos para a mulher agir de maneira tão intempestiva e do nada destruir relações de anos; se ao menos tivesse dado pistas do seu desgosto e censura, se tivesse uma única vez desaprovado aquele convívio, poderia entender, mas assim, sem aviso ou alerta, restava-lhe apenas coçar a cabeça e supor tratar-se de tolice ou alguma doença.

- Você está bem?... Tem certeza?



- Nunca me senti melhor!... É um peso que sai dos meus ombros.

A conversa parou. Pediram uns drinques e beberam. Pediram tira-gostos, comeram. Ele batendo os pés involuntariamente ao som da música, enquanto ela olhava ao redor em busca de alguma reação dos clientes. Ninguém parecia se interessar. Nada parecia ter ocorrido. Faziam o que eles faziam e o lugar permitia.

Duas horas depois, pagaram a conta. De pé, em frente ao caixa, ouviram estampidos, mas não houve tempo de reação. Alguém, munido de uma metralhadora, e que não puderam identificar, atirava a esmo. Atingiu a maioria dos frequentadores, e o casal X e Y foi um dos primeiros a ser alvejado. Morreram na hora.

Nos jornais e mídias, se falava do atirador, dele ter torcido o pé na infância e quebrado a unha que encravou para o resto da vida, tornando-o amargo, depressivo e solitário. Psicólogos e terapeutas gastavam-se em explicar as motivações do rapaz, os traumas infantis a persegui-lo; enquanto afirmavam peremptoriamente a calvície precoce, antes de completar 20 anos, atormentá-lo e juntar-se ao rol dos seus sofrimentos, a ponto de torná-lo psicótico. Havia quem desse crédito também aos bullings sofridos no colégio, entre parentes e vizinhos, por causa das protuberâncias hormonais a produzirem marcas profundas em sua pele e acumularem-se na alma. Era quase certo não ser condenado ao ver de juristas, psicólogos e palpiteiros. Estavam tencionando ocupar o Fórum, caso houvesse um processo legal. A solução não poderia ser outra: libertar o rapaz e não trazer mais traumas e aflições para a sua pobre alma de mártir. As vítimas, ignoradas por frequentarem local sem alvará e licenciamento, considerado clandestino e perigosíssimo, eram os únicos responsáveis pelo es-

tado de coisas. Se não descumprissem a lei, nada lhes teria acontecido.

O suposto atirador (havia quem duvidasse da autoria, a despeito das imagens das câmeras, ao alegar manobras e falsificação; e ainda aqueles a assegurar não passar de narrativa, nada daquilo realmente aconteceu, pois queriam apenas incriminar o pobre diabo) passaria alguns meses em tratamento, sem perder a liberdade, o mesmo tratamento iniciado aos 12 anos, quando os pais notaram suas esquisitices, pediram auxílio médico que garantiriam o controle do rapaz e da situação à base de psicotrópicos e terapêuticas.

Dos alvos, citaram um promotor de justiça, uma ex-miss e o dono do bar. O restante não passou de número, estatística. E o casal comum, por aquelas coincidências triviais da vida, morreu de morte comum, enterrado em cemitério comum, em cova comum, e logo quase ninguém se lembraria dele. Por um tempo, apenas os ex-amigos e desafetos contariam aos filhos e netos como foram salvos da morte por X e Y, o casal comum.

Dias depois, no velório, aqueles amigos que saíram antecipadamente do bar antes do atentado, levaram coroas de flores, faixas alusivas à bondade e generosidade do querido casal, a almejar serem recebidos com honras celestiais; e prantearam sob os caixões comuns. Davam graças a Deus por X tê-los escorraçado. De outra forma, estariam como eles, mortinhos da silva.

E o fim da vida que pretendiam comum, foi abreviado comumente por balas tão comuns quanto qualquer outra disparada neste momento no país afora... e ninguém se importava, pois também a tragédia se fizera comum.



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

DICAS ÚTEIS

Perdi a conta de quantos anos usei panelas com o revestimento de Teflon, para saber, há bem pouco tempo, depois de ler alguns artigos a respeito, que são altamente cancerígenas. Segundo os fabricantes, elas são muito seguras, mas não podem ser aquecidas acima de 260°, pois liberam gases tóxicos, o mesmo ocorrendo quando usamos dessas panelas e frigideiras com a superfície arranhada, algo muito difícil de se evitar. Para quem insistir em usar esse veneno, nunca deixe o líquido ou a gordura da frigideira ou panela queimar, pois aquela fumaça branca que sai, certamente, vai te matar. Em outras palavras: estamos ferrados, pois já usamos essas porcarias por um longo tempo, e muitos restaurantes também as utilizam, possivelmente, bem velhas e arranhadas.



O Teflon, sigla inventada para dar um "charme" maior ao PFOA (ácido perfluorooctanóico), criado a partir do politetrafluoretileno (PTFE), que foi descoberto por um acaso pelo químico Roy Plunkett em 6 de abril de 1938, quando buscava um substituto para o CFC (clorofluorcarbono) utilizado em geladeiras.

Desde o início, a DuPont, fabricante do produto, sabia que era altamente tóxico, principalmente após as denúncias do fazendeiro Wilbur Tennant, vizinho da fábrica em Parkersburg/EUA, que viu centenas de animais morrerem em decorrência do envenenamento das águas da região, sendo que o próprio Wilbur morreu de câncer, alguns anos depois.

Os principais fabricantes de hoje garantem que os produtos revestidos com o produto são seguros, **CONTANTO** que os usuários observem rigorosamente as condições indicadas para o uso, ou seja, não deixar a panela em fogo alto sem gordura ou outro líquido, não passar dos 260° e não usar os utensílios riscados. Mas perdi a conta de quantas vezes vi gente mexendo essas panelas ou frigideiras com colheres de aço ou alumínio, ou até usando facas para cortar carnes dentro delas. Sendo assim, **o melhor é não utilizar**. E por isso faço a seguinte dica de como usar panelas de aço. Eu falei AÇO, nunca alumínio. Nunca! O alumínio também é extre-



mamente tóxico, e você deve jogar as panelas e frigideiras de Teflon que você tem pela janela. Não pela janela, é claro, foi só um modo de dizer: destrua, para que ninguém mais as utilize.

Melhor seria se você pudesse comprar panelas de aço cirúrgico, mas são tão exorbitantemente caras que não é possível a um ser humano normal comprar sem ter que deixar um rim como parte do pagamento.

O segredo para se fritar um ovo sem grudar em uma panela de aço é deixar que ela esquente bem. O ponto certo é quando você joga algumas gotas de água nela e formam-se bolinhas imediatamente, que ficam "dançando" sobre a superfície. Aí você coloca o azeite ou óleo de coco e depois acomode os bifes, o que causará um "estouro". Pode baixar um pouco o fogo, mas deixe dourar de um lado, sem mexer, para depois virar os bifes, até dourar o outro lado, pois assim ele irá "selar", deixando a carne macia.

E como faz para limpar? Com a panela ou frigideira ainda quente, jogue uma boa quantidade de **vinagre** e deixe descansar. Quanto for passar a bucha com o lava-louças, sairá praticamente tudo. Se necessário, repita a operação, com CALMA, até sair a sujeira, sem precisar utilizar palha de aço ou esmeril.

Não acredita no que falei? Então tá bom, continue usando as suas práticas panelas com Teflon, mas só lhe peço que me coloque como beneficiário do seu seguro de vida.



MÚSICAS QUE MARCARAM ÉPOCA



Nesta edição, procuraremos desvendar o que estaria por trás das letras de inocentes marchinhas de carnaval, cantadas por foliões de várias gerações, mas que na verdade serviam para alimentar, ao longo dos anos, o ódio, o preconceito, o racismo, a homofobia, a misoginia e a xenofobia, culminando na situação incontrolável que vivemos nos dias de hoje.

O mais clássico exemplo desses abusos pode ser visto na marchinha “Olha a Cabeleira do Zezé”, quando os carnavalescos perguntam, com desvelada ironia: “Será que ele é? Será que ele é?” E ainda incitam a violência contra o inocente indivíduo, quando repetem, por quatro vezes, “corta o cabelo dele”, um ato de que nos remete aos tempos bíblicos, em que Sansão, traído por Dalila, teve sua cabeleira cortada, tirando-lhe as forças sobrenaturais.



Outra canção que merece destaque é aquela que anuncia “Alalaô-ôôôôôô, mas que calô-ôôôôôôr” fazendo uma alusão ao inferno, que estaria localizado no Oriente Médio, representando um velado desrespeito ao soberano daquele povo, o grande Alá, em uma declarada manifestação xenofóbica que poderia gerar um conflito mundial entre oriente e ocidente, caso o povo das arábias não soubesse que o Brasil não é um país sério.

Mais assombroso ainda é o bullying direcionado aos representantes da terceira idade, com a marchinha, cantada pelo dono do SBT, Senhor Abravanel, também conhecido como Sílvio Santos, que anuncia que “a pipa do vovô não sobe mais”. Fica óbvio que a letra não fala daquele artefato elaborado com varas de bambu, linha e papel de seda, diversão das crianças do passado: a canção pretende desconstruir a imagem dos bons velhinhos, responsáveis pela formação moral e intelectual de um povo cada vez mais alheio aos valores das tradições.

“Mamãe eu Quero” é uma música que exalta o empreguismo, o aparelhamento estatal, com um forte viés comunista, ao promover o inchaço dos serviços públicos, o ócio e a vagabundagem.

Da mesma forma, aquela que diz “me dá um dinheiro aí”, à queima-roupa, não consegue esconder a sua veia autoritária.



e socialista, fingindo exaltar a justiça social, mas que na verdade tem o objetivo de promover o consumo excessivo do álcool, vício também exaltado por outra música famosa, que faz promover a seguinte indagação: “Você pensa que cachaça é água”?

“Quanto riso, oh, quanta alegria, mais de mil palhaços do salão” faz uma severa crítica ao povo brasileiro, mas não se interessa em excluir desse rol gente séria e esclarecida como você e eu, demonstrando um desrespeito com os cidadãos de bem, que trabalham incansavelmente por fazer do Brasil um país melhor.

Mas o mais a mais grave o mais grave ataque aos preceitos da Constituição Federal, que repudia a discriminação racial, está presente naquela que aparenta ser uma inocente marchinha que diz que “o teu cabelo não nega, mulata”, pois além de exaltar o racismo, atribui à mulher o papel de escrava do desejo de homens misóginos.

Por fim, tem aquela marchinha que anuncia “daqui não saio, daqui ninguém me tira”, que prega a insubordinação civil, o que teria incentivado as nefastas ações do MST, ao invadirem terras produtivas, colocando em risco o Agronegócio, fator de extrema importância para a sustentação do PIB Nacional.